

DAVID DIAS

INCORPORAÇÃO NA UMBANDA

MÉDIUM DE TERREIRO




EDITORA
UMBANDA
LIVROS VIRTUAIS

Ao meu pai e mestre Rubens Saraceni, o qual tive a oportunidade de ser iniciado e reconhecido como Sacerdote de Umbanda;

Ao meu mestre Alexandre Cumino, por despertar em mim o prazer dos estudos na Umbanda e por ser aquele que sempre tocarei o solo ao citar seu nome;

Ao mestre Wagner Veneziani (em memória), que dedicou sua vida para levar a Umbanda aos quatro cantos do mundo;

Aos meus irmãos Daniel Marques (Umbanda Eu Curto) e Rodrigo Queiroz (Umbanda EAD), por criar caminhos de credibilidade para que a Umbanda se difundisse de forma virtual;

Ao Caboclo Pena Branca, por ter me mostrado esse caminho e segurado em minhas mãos até aqui;

Ao Pai João de Angola, meu ancestral, avô legítimo de outras vidas, sangue do meu sangue, manifestação de amor em forma de Preto Velho;

Aos meus Filhos de Santo, pessoas incríveis que atualmente dão todo o sentido para a minha vida;

À Renata Pallottini, Oxum menina, mãe de meus futuros filhos;

Nunca se esqueçam: minha vida não seria suficiente para criar esta obra se não fosse a vida de vocês.



*A raiz etimológica da palavra transe nos remete ao latim “transire”, formada por “trans” (atravessar) mais “ire” (ir). O caboclo se manifesta pelo transe, pela ideia do ir atravessando como sentido de cruzar mundos, perspectivas, possibilidades, práticas, o tempo inteiro. O intransigente é aquele que se nega ao transe. Ao contrário, o transigente é aquele que se dispõe a ele. Todo e qualquer ato criativo só é possível a partir do transe como disponibilidade de travessia.

Por isso, as razões intransigentes são avessas ao transe como também o significam como possessão, descontrolo e irracionalidade. Contrário às mobilidades, esse modelo de razão criva o transe como uma perda de domínio do ser, que para ser salvo deve expulsar a experiência do movimento em troca da segurança da fixidez.

*Luiz Antônio Simas, Luiz Rufino.
Fogo no Mato - A ciência encantada das
Macumbas.**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO <u>por Daniel Marques</u>	08
PREFÁCIO <u>por Alexandre Cumino</u>	12
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 <u>Incorporação não é possessão</u>	19
CAPÍTULO 2 <u>O ambiente do desenvolvimento</u>	26
CAPÍTULO 3 <u>Etapas do desenvolvimento mediúnico</u>	32
CAPÍTULO 4 <u>Mediunidade não é seletiva e não tem religião</u>	36
CAPÍTULO 5 <u>Todos são médiuns de incorporação</u>	40
CAPÍTULO 6 <u>O que é preciso para incorporar?</u>	45
CAPÍTULO 7 <u>Meditar não é parar de pensar</u>	50
CAPÍTULO 8 <u>De médium e louco todo mundo tem um pouco</u>	54
CAPÍTULO 9 <u>A primeira incorporação</u>	63

CAPÍTULO 10	
<u>Incorporar em casa</u>	65
CAPÍTULO 11	
<u>O Guia de frente</u>	70
CAPÍTULO 12	
<u>Médiun de transporte</u>	75
CAPÍTULO 13	
<u>Quem precisa de doutrina?</u>	77
CAPÍTULO 14	
<u>A mensagem é do Guia, a responsabilidade é sua</u>	80
CAPÍTULO 15	
<u>Mediunidade na infância</u>	84
CAPÍTULO 16	
<u>O grande dilema</u>	94
CAPÍTULO 17	
<u>Conclusão</u>	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
SOBRE O AUTOR	108
SOBRE O UMBANDA EU CURTO	110
FICHA TÉCNICA	112
OUTRAS PUBLICAÇÕES	114





APRESENTAÇÃO

Meu amigo, meu irmão, meu parceiro e queridão David Dias é daquelas pessoas que falam muito, muito intenso no seu jeito de ser. Mas sua fala está longe de ser conversa fiada, pelo contrário. Desde que nos conhecemos, pude observar que faz tudo com gosto, com muita paixão e dedicação aos estudos. Não está na Umbanda de brincadeira.

Assim, é isso que você vai encontrar neste livro sobre mediunidade. David consegue unir um alto rigor estilístico, fruto de ampla pesquisa sobre o tema, com toques pessoais que fazem toda a diferença ao longo da leitura.

Sua experiência como mentor, Dirigente Espiritual, Sacerdote e Pai de Santo na Umbanda o fizeram colecionar exemplos e experiências das mais diversas, fruto das Giras, das conversas, dos atendimentos e das aulas. E, é claro, tudo isso também se deve ao frutífero convívio que nós temos junto ao nosso amigo, irmão, mestre e Pai de Santo Alexandre Cumino. Agora está aqui, acessível a todos, num livro feito para quem quer saber mais sobre mediunidade mas não sabia onde perguntar!

Uma a uma, todas as principais dúvidas sobre o tema vão sendo respondidas: **“Mediunidade é o mesmo que possessão?”**; **“Há uma maneira correta para incorporar?”**; **“Só há incorporação na Umbanda?”**; **“Criança também pode incorporar?”**

E olha que estes são apenas alguns temas que o autor fez questão de tratar com muito cuidado e fundamentação, oferecendo assim parâmetros bibliográficos e práticos sobre um tema até então coberto de dúvidas e más interpretações.

E, se você for como eu, um apaixonado por Umbanda até debaixo d'água, vai terminar a leitura rapidinho (e querendo mais!).

Que este seja o primeiro de muitos livros digitais de David Dias nesta parceria com os canais Umbanda Eu Curto!

Daniel Marques
Cofundador dos canais Umbanda Eu Curto





PREFÁCIO

O tema “Incorporação na Umbanda” ainda é algo intelectualmente desconhecido para a própria comunidade.

A incorporação faz parte de um contexto chamado mediunidade e por isso boa parte dos umbandistas acredita que basta estudar as mediunidades segundo o Espiritismo codificado por Allan Kardec.

No entanto, a Umbanda possui um universo próprio onde a incorporação se desenvolve de forma muito característica, que guarda semelhanças com: Espiritismo, Candomblé, Catimbó-Jurema, Tambor de Mina, Encantaria, Pajelança, Batuque e outras religiões de transe como por exemplo o Vodou (Haiti) e o Culto de Maria Lionza (Venezuela).

Embora Kardec tenha explicado tecnicamente, linearmente e racionalmente alguns aspectos da mediunidade, incorporação é um assunto ainda em aberto e muito mal compreendido, principalmente porque o ambiente de Terreiro, das Comunidades de Terreiro, não é espaço de saber linear ou racional; é sim espaço de oralidade e de um saber espiral.

Como diria Nietzsche, este universo de Terreiro é Dionisíaco, espaço de prazer e experiências as quais a razão não dá conta de explicar. Contrário ao mundo Apolíneo, linear e racional, que caracteriza o mundo ocidental a partir da cultura judaico-cristã, toda ela baseada na racionalização filosófica greco-romana.

A partir deste entendimento de mundo, podemos identificar a incorporação muito mais próxima das experiências xamânicas ancestrais e milenares de transe e estado alterado de consciência considerados também experiência mística, onde o adepto se perde no mistério ao qual está profundamente envolvido.

Quando você não sabe mais quem é você e quem é a deidade, espírito, Guia, mentor ou Orixá; adentra-se num campo onde a entrega exige um aquietar do racional questionador.

O campo do mistério é campo de encantamento, de um mundo antigo e encantado. Por isso a Umbanda é religião de macumba, feitiço, encanto, magia, força e poder desconhecidos pela razão.

Há coisas na vida que é possível explicar e há o que não se explica. O melhor da vida é o que não se explica – como o amor e a poesia.

Por isso a Umbanda é ao mesmo tempo filosófica e poética. Possui uma certa linearidade e “espiralidade”; é oral, mas também está descrita em muitos textos, possui uma busca científica de racionalização, mas não perde sua pegada mágica, mística e visceral inexplicável e inexplicavelmente linda, encantadora é fascinante.

Poucas pessoas conseguem abordar este universo tão rico e plural com propriedade e experiência de quem já orientou centenas de pessoas e a si mesmo neste caminho.

O tema incorporação ainda permanece como incógnita para muita gente. Não é fácil adentrar o campo do mistério visceral buscando olhares teóricos e intelectuais.

No entanto, o amado, querido, médium, sacerdote, dirigente e intelectual, Pai David Dias, a quem tenho o privilégio de ter como amigo pessoal, adentra o campo do mistério com a maestria dos iniciados e pouco a pouco desvela amores e encantos de incorporação na Umbanda.

Leitor, aproveite o que tem nas mãos: é néctar das Deusas, das Mães Orixás e também dos Deuses, dos Pais Orixás.

David Dias, amado e querido, não esperava menos vindo de uma alma sensível, irrequieta e encantadora de gente como é você.

Axé, Mojubá e Saravá!

Alexandre Cumino
Cientista da religião, sacerdote de Umbanda, escritor com diversos títulos
sobre a religião publicados pela Madras Editora.







IN TRO DU ÇÃO

INTRODUÇÃO

Mediunidade é parte histórica não só da Umbanda. Compõe uma vasta cronologia de crenças e práticas ancestrais com a proposta de se relacionarem com o místico-sagrado, com o seu ser interior não domesticado, selvagem, aquele que não passou pelo crivo dos julgamentos sociais.

As palavras aqui encontradas evidenciam a experiência de transcendência mística como um meio para nos aproximar de Deus e de toda a nossa família espiritual que zela por nós e nos quer bem.

Mediunidade na Umbanda é uma crônica que relata o dia-a-dia da minha vida.

É inacreditável que estas palavras dão vida à uma obra, visto que escrever um livro nunca foi a minha intenção. Porém, é dado um momento onde as experiências começam a transbordar, as palavras não cabem mais nos poucos minutos dedicados às preleções, as aulas começam a se estender além do horário determinado e os assuntos tornam-se cada vez mais profundos. Neste momento os pensamentos extrapolam a própria mente e as verdades e experiências transbordam! É hora de escrever.

Dos 7 dias da semana, 4 deles eu dedico aos grupos de desenvolvimento mediúnico; em 3 deles eu tenho privilégio de estar ao lado de quem eu admiro e reverencio, meu mestre, amigo pessoal e irmão Alexandre Cumino.

Trabalhamos com um grupo de médiuns constituídos por aproximadamente 500 alunos os quais têm o mesmo interesse: desenvolver a mediunidade de incorporação. Mesmo que o enfoque deste grupo seja o aprendizado prático, ainda há muito o que desenvolver no campo das teorias que fundamentam e estruturam esta vivência.

Através de meu saudoso mestre e Pai de Santo Rubens Saraceni, ao qual tenho eterna honra, aprendemos a nos relacionar com o sagrado não só por meio da prática como também pelo conhecimento.

Costumo dizer que o “Conhecimento é a base da Fé” e, se dermos um olhar para o desenvolvimento, poderíamos adaptar esta sentença para: **“O conhecimento é a base que estrutura a prática do desenvolvimento mediúnico”**.

Não há condições de obter uma incorporação saudável ou ainda estabelecer uma ligação com o mundo espiritual se não houver a compreensão desta realidade, se não transcendermos a prática para nos aprofundarmos em sua essência.

Assim, encontraremos transcritas a seguir algumas das palavras que frequentemente utilizamos durante os diálogos e reflexões sobre a incorporação na Umbanda e muito da experiência praticada de alguns anos desenvolvendo outros médiuns.

Que esta obra se torne parte integrante ao tema ainda pouco explorado, a mediunidade sob a ótica da Umbanda. Inspiro aqui um sentimento de gratidão ao construir um texto legítimo de Umbanda, onde a experiência mediúnica é explanada por umbandista.

Você é muito Bem-Vindo (a)!



INCOR PORA ÇÃO

NÃO É POSSESSÃO

INCORPORAÇÃO NÃO É POSSESSÃO

Seria injusto se, ao começarmos a falar sobre mediunidade de incorporação na Umbanda, não nos debruçássemos sobre a marcante obra de Alexandre Cumino: **“Médium – Incorporação não é possessão”** (Editora Madras). Sem dúvidas, o pioneiro conjunto de informações referentes ao desenvolvimento mediúnico na Umbanda e um olhar singular para o fenômeno da incorporação.

Quando comecei a desenvolver minha mediunidade, fazia parte de um ambiente com práticas que misturavam um pouco dos conceitos de Alan Kardec com incorporação de guias espirituais presentes na Umbanda. Me atento a não interpretar aquele local, tão importante para a minha jornada religiosa, como um espaço que misturava “Espiritismo” com “Umbanda”, pois seria resumir a Umbanda somente em incorporação de Guias em suas linhas de trabalho.

Em consequência das dinâmicas dos trabalhos e do espaço reduzido, o desenvolvimento mediúnico ocorria durante os dias e horários de atendimento, como na maioria dos lugares. Na medida em que todos os médiuns se ocupavam de suas tarefas, incorporados ou cambonando os Guias, não havia um “olhar” para aquele que precisava não só praticar a incorporação como compreendê-la.

Com isso, meu desenvolvimento começou repleto de dúvidas que se ampliavam quando eu buscava entendê-las sob a ótica de Alan Kardec.

Ao passar do tempo, comecei a sentir os primeiros sinais mediúnicos da incorporação: começavam as defumações e meu corpo se arrepiava todo, ora um calor excessivo, ora um frio insuportável. Sentava num banquinho de Preto Velho e ali passavam-se horas que pareciam alguns minutos. Esses fatos se repetiam e depois de um longo processo, me vi incorporado por um Preto Velho.

Eis então que surgiu a grande dúvida – a crucial de todas elas para

todos os médiuns em desenvolvimento: “**Será que eu estou incorporado mesmo?**”; “**Será que sou eu ou é o Guia?**”; “**Quando é que eu vou ficar desacordado?**”; “**Porque, mesmo incorporado, eu continuo ouvindo tudo?**”.

É neste momento que começam os dilemas, as dúvidas e, conseqüentemente, as primeiras decepções da incorporação.

Como eu não conhecia o universo da Umbanda, mal sabia que existiam cursos que poderiam me dar este embasamento. Ouvia muito falar da Federação Espírita de São Paulo sendo um local onde eu encontraria informações sobre o que estava acontecendo, mas como para mim não era clara a diferença entre o Espiritismo e a Umbanda, ficava me questionando sobre a ausência da fumaça do cachimbo dos Pretos Velhos, das guias (*colares sagrados da Umbanda*), do cheiro do defumador, dos pontos cantados, dentre outros elementos que hoje eu sei que são presentes na religião. Além do mais, ouvia que, para desenvolver a minha mediunidade de incorporação levariam aproximadamente cinco anos ou mais.

Comecei então a buscar informações na internet e aí foi fatal: assisti um documentário no qual uma lalorixá – *termo designado principalmente às Mães de Santo do Candomblé* – relatava que, no seu momento de incorporação, ela sentia como se estivesse dormindo, sonhando, vivendo em outro mundo e não via mais nada.

Por meio desses relatos, aos poucos eu registrava o que a maioria das pessoas imagina até hoje: **incorporação boa é aquela que o médium fica desacordado, sai espiritualmente do ambiente, não vê mais nada do que está acontecendo.**

Este é o primeiro momento de desilusão! Utilizo deste termo pois, em algum momento, eu me iludi achando que a incorporação fosse algo que espiritualmente me retirasse daquela realidade. Um fenômeno que me desacordasse.

Somente anos depois concluí que eu esperava o que a maioria das pessoas esperam: ser possuído, tomado à força por um poder arrebatador

que podemos até chamar de possessão.

Ou seja, inconscientemente eu procurava “algo”, uma presença além da minha, que provasse ser existente, que dispensasse o meu conhecimento intelectual, que fizesse a minha parte, que resolvesse os meus problemas e os problemas alheios, que dispensasse a própria fé frente ao fenômeno físico. Sem perceber, eu procurava possessão e não incorporação.

Compreende-se por possessão tudo aquilo que nos toma à força, nos arranca do senso comum, toma posse do nosso livre-arbítrio, transferindo as responsabilidades de nossas ações ao possessor.

Há mais de cem anos, embora sob uma realidade positivista e até preconceituosa sobre a etnia negra e as religiões de matrizes africanas, como o Candomblé, o médico e antropólogo maranhense Raimundo Nina Rodrigues definiu possessão como sendo um “estado de sonambulismo provocado, com cisão e substituição da personalidade”¹.

Cabe aqui uma reflexão: **será que não é assim que nos relacionamos com os desafios da vida? Será que não estamos apenas transpondo o que somos na sociedade para dentro do Terreiro? Quantas são as vezes que, frente a um grande problema, gostaríamos de fugir, sair da realidade ou “sumir”?** Pois bem, talvez seja esta a reflexão que deva pairar quando queremos ser mais inconscientes e menos realistas diante dos contratempos da vida.

A maioria das pessoas busca “aquilo que fala” além do que ela pensa, “aquilo que faz sentido” além do que ela sente, “aquilo que pode assumir a culpa” quando ela se omite de suas responsabilidades. E isso nos condiciona a querer uma mediunidade que nos tire da realidade, enquanto deveríamos querer uma mediunidade que nos coloque na realidade presente, recobrando a consciência.

As maiores lições da minha vida vieram por meio das minhas atitudes,

1 RODRIGUES, Nina. O Animismo Fetichista dos Negros Baianos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

dos meus posicionamentos e dos meus erros. Porém, as maiores reflexões vieram a partir da boca dos meus Guias. Atitudes e palavras que realmente fizeram sentido para mim e conseqüentemente transformaram a minha vida, pela qual tive a oportunidade de me tornar um ser humano melhor em comparação a mim mesmo.

Muitos buscam na mediunidade encontrar um sentido para a vida, uma oportunidade para aprender a se relacionar consigo mesmo e com seus Guias espirituais. Outros ainda, por meio da incorporação, procuram a fuga da realidade e de suas próprias responsabilidades.

O que seríamos sem o nosso poder de decisão? Sem as nossas escolhas jamais seríamos quem somos. O ser humano procura manuais, doutrinas, regras e ensinamentos que o limite e evite erros. Porém, é de extrema importância lembrarmos que a grande magia da vida está no poder de nossas decisões, na possibilidade de corrigirmos, tentarmos outra vez e isso só ocorre após as falhas. Não conseguiremos corrigir se jamais errarmos. É este o processo de transformação do conhecimento em experiência, e da experiência em sabedoria.

No momento em que nos abrimos para receber todos os aprendizados resultantes de nossas ações, tudo se tornará mais leve, mais aceitável. O sentimento de culpa dá lugar à posse da responsabilidade. Os problemas continuam a nos desafiar, mas estaremos conscientes e, para a incorporação, este é o gatilho: a oportunidade de olhar para a vida com a maturidade de um adulto e não com a inocência de uma criança.

Em meados de 2014, um rapaz chega ao meu Terreiro se dizendo frequentemente possuído por um espírito que o impedia de realizar as suas tarefas diárias como trabalhar, dirigir, tomar banho e etc. Afirmava que era obsediado a todo momento por uma força que se manifestava sem aviso, durante as situações mais inimagináveis.

Imediatamente imaginei ser caso de possessão espiritual e já pensei em colocar em ação tudo o que eu sabia sobre técnicas de desobsessão e descarrego. Após defumações, mandalas de descarrego, bate-folhas,

banhos de sal grosso, banhos de ervas e atendimentos com os Guias, o problema persistia.

No momento em que parei de olhar para o caso como uma possessão espiritual e comecei a entendê-lo sob a ótica psíquica, tudo fez sentido. Então decidi fazer a pergunta que todos os Guias fazem durante seus atendimentos:

“Como anda a sua vida?”.

Aí tudo começou a fazer sentido! Tratava-se de mais um caso em que a vida inteira estava em desequilíbrio e o rapaz procurava encontrar uma culpa externa para tudo aquilo, como uma busca inconsciente de um ‘Diabo’ para o ‘Inferno’ em que se está vivendo.

Esta história termina como a maioria de tantas outras. Enquanto o indivíduo não olha para dentro de si, tendo seus valores como possíveis fontes de todos os seus problemas, jamais vai conseguir encontrar solução para a sua relação com o mundo. É mais um caso em que irá novamente projetar a culpa de seus problemas à religião, às demandas energéticas e espirituais, ao Pai de Santo, à “macumba” que lhe fizeram e assim continua na busca persistente em encontrar alguém que ‘instale’ um ‘diabo’ em si e depois retire-o aos mais altos preços pagos pela dependência e pela ignorância. Deste modo, nascem os irônicos poemas recitados pelos umbandistas frustrados em sua fé: **“Ajudei tanto aos outros e quando precisei, não fui ajudado”**; **“Umbanda é religião fraca, quando o negócio aperta tem que resolver em outro lugar”**; **“Magia forte mesmo é com sangue de animal”**; **“Se fulano fosse bom mesmo já teria tirado”**; **“Ah! Pra resolver essa aí só indo até a Bahia”**; **“Nesse caso, vai ter que fazer o Santo”**...

Casos como estes são comuns, pessoas projetando seus distúrbios a um fator externo, uma força alheia que jamais é assumida como de própria autoria.

Nestas condições, a mediunidade soa como uma espécie de válvula de escape, meio pelo qual a espiritualidade tem como último recurso

acioná-lo para o despertar da vida de cada um. É esse o motivo que faz com que muitos atribuam à dor o caminho de chegada e a porta de entrada para a religião.

Todavia essa dor não deveria fazer referência aos problemas externos da vida, e sim a tudo o que está mal resolvido dentro de cada um.

O sentido da incorporação e dos atendimentos nos Terreiros está diretamente atrelado ao fato de que as palavras dos Guias chegam primeiro aos seus próprios ouvidos, assumindo assim o lugar de aluno. Durante a incorporação, fazemos a vez do aluno da primeira fileira enquanto o professor (*Guia*) dá a aula. Assim, no momento em que nos colocamos na condição de passíveis aos ensinamentos, nos damos conta do quão real, forte e transformadora é a incorporação na Umbanda.

Se ainda assim houver dúvidas sobre a importância da consciência durante os atendimentos com os Guias, pergunte ao cambone, seu braço direito, quais são os momentos de maior aprendizado.

É este o formato de incorporação que permite que olhemos o mundo pelos olhos dos Caboclos e Caboclas; que permite sentirmos o mundo com o coração dos Pretos e Pretas Velhas; que permite assistirmos de camarote a disciplina exemplar por meio das atitudes e palavras dos Exus e Pombagiras. É este o dom que faz com que olhemos para os nossos erros com discernimento e, assim, podemos entender o outro sem julgamentos.

É isso que torna o portento da incorporação tão mágico, tão transformador, tão visceral. É isso que dá sentido ao tremendo e numinoso mistério da Umbanda e difere o fenômeno mediúnico das sensações que fogem ao controle da razão, chamadas de loucura.

O AMBIENTE DO

**DESEN
VOLVI
MEN
TO**

O AMBIENTE DO DESENVOLVIMENTO

O MÉDIUM E SUAS EXPECTATIVAS

Mesmo que a mediunidade seja um fator intrínseco e indissociável ao ser humano, descobrir-se médium da noite para o dia já não é uma informação tão fácil de ser assimilada. É o que acontece com muitos que, durante o diálogo com o Guia, se deparam com as seguintes frases: “Você é Médium!”; “Você precisa desenvolver!” e “Você precisa vestir o branco!”.

Isso quando essa informação não vem arraigada de conceitos oriundos de outras religiões como: “Você precisa dar continuidade à missão de fulano” e “Você precisa liquidar seus carmas de vidas passadas”, atribuindo a mediunidade à relação de obrigatoriedade frente a um acordo supostamente assumido. Ou ainda: “Você precisa fazer o Santo para acabar com a briga na sua coroa”; “Precisa fazer um bori” e “É preciso fazer um ebó”, termos e frases condizentes a rituais do Candomblé.

O processo inicial do desenvolvimento mediúnico é extremamente delicado; lidar com a mediunidade, ainda mais neste momento, é uma tarefa que exige um olhar especial.

É preciso compreender que desenvolvimento não é obrigação: é somente mais uma via para o autodescobrimento e a prática do amor para si e para o próximo. Entendido isso, é preciso internalizar que ser médium não torna ninguém melhor do que o outro, e trabalhar a mediunidade não significa se tornar um ser humano melhor, livre de falhas ou ainda alguém que vai ganhar algo em troca deste feito.

A FORMA, O ESPAÇO E O CONTEÚDO

Excluídas todas as expectativas, é hora de idealizar o local para se iniciar este processo.

Todas as relações se estruturam por meio de afinidade. Assim, geralmente acabamos por definir o local para realizar o desenvolvimento como sendo aquele que mais se adapta às nossas vidas.

Independente das escolhas, é de extrema importância escolher um lugar seguro para isto.

Entende-se por seguro os locais conduzidos com seriedade e responsabilidade, com uma dinâmica que jamais irá constranger, humilhar ou expor em público aquele que busca o envolvimento com a mediunidade. Um lugar gerido por pessoas que possuam discernimento sobre a religião e a sociedade a qual encontra-se inserida, que conceba o conjunto de estudos, independente da forma, carga horária ou cronograma, como uma prática séria.

É importante que, neste espaço, sejam reservados momentos não só voltados à prática como também à teoria.

A prática do desenvolvimento deve ser um momento que permita que o médium tenha olhos somente para si, sem preocupações ou interesses externos. O ideal é, sempre que possível, reservar um dia e horário específicos somente para este aprendizado, sem necessidade de efetuar atendimentos ou tratamentos espirituais.

Dentre todas as características acima citadas, se constrói o conceito de “Curso de Desenvolvimento Mediúnico”. Na verdade, o termo “curso” é o que há de mais próximo para elucidar a vivência de práticas e teorias umbandistas em grupo. Talvez ainda, o termo ideal seria “Percurso de Desenvolvimento Mediúnico”, tornando ainda mais fácil a compreensão de que o ato de desenvolver a mediunidade não se resume em adquirir um certificado para expor na parede.

Desenvolvimento Mediúnico não é um aprendizado só para a Umbanda; é um desenvolvimento para a vida. Um desenvolvimento para

a sociabilidade coletiva, como aprender a se movimentar, comportar e se relacionar com o outro, com Deus, Guias e divindades, de modo individual ou tudo junto e misturado.

Assim, cabe a máxima verdadeira: para incorporar espíritos não carece curso de desenvolvimento. Assim como, para dirigir, não carece de autoescola. Tudo depende do que se pretende ao desempenhar o papel de médium ou motorista. Porém, o mau desenvolvimento de ambas as funções pode causar danos ao indivíduo e àqueles que o cercam.

PRÁTICAS DO DESENVOLVIMENTO

Além da parte teórica, diversas são as formas para desenvolver a mediunidade de incorporação quando se está inserido no ambiente ideal. Contudo, não há um procedimento padrão ou que se defina como ideal para ser aplicado ao médium durante as práticas.

Geralmente, ao toque dos atabaques, é realizada uma prática similar à Gira de atendimento convencional. Visto que não há público para atendimentos, o foco é voltado inteiramente ao médium.

Aos médiuns que já possuem maior facilidade de incorporar é dado um olhar para que este mantenha-se atento aos processos de evolução da relação médium/Guia. Já àqueles que ainda não conseguem permitir a manifestação plena do espírito, são utilizados alguns recursos para contribuir com a incorporação.

A proposta é ajudar o médium a receber o Guia e não forçar a incorporação além do processo natural.

O ATABAQUE

Um dos mais importantes elementos para a ocasião, o atabaque dá força e ritmo às evocações dos Guias e Orixás através dos pontos cantados.

Contudo, destaca-se a sua função enquanto elemento condutor da incorporação – e não indutor – descartando assim toda a suposição de que o atabaque provoca o transe mediúnico.

O MARACÁ

Com a utilização cada vez mais difundida nos Terreiros de Umbanda, o maracá também tem sido mais um instrumento utilizado a favor da mediunidade. Baseado em toques de diferentes etnias indígenas, a sonoridade produzida pelo instrumento retoma a atenção do médium ao momento presente, desviando-o de qualquer pensamento que possa distraí-lo da proposta da incorporação. Um instrumento que reproduz um sentido similar ao chacoalhar do maracá é uma espécie de uma sineta chamada “adjá”, geralmente encontrado nos Terreiros de Candomblé. Porém, a vantagem dos maracás, além de trazerem consigo uma vasta cultura indígena, muito próxima ao que encontramos nas Giras com os Caboclos, permitem a reprodução de diferentes sons como ventos, águas, folhas etc., produzindo diferentes sensações aos médiuns.

A MENTALIZAÇÃO

Recurso eficaz e bastante utilizado, é também conhecida como meditação guiada. É uma técnica que faz com que o médium se projete mentalmente para um ambiente que remeta ao universo da entidade que ali será evocada. Por exemplo: em uma chamada da linha de Caboclos e Caboclas, pode-se conduzir o médium mentalmente por meio de uma floresta, ao encontro de tribos indígenas. A utilização de ervas, defumações e ainda sons de florestas e torés são bem-vindos para ampliar a realidade reproduzida.

O TOQUE E O GIRO

Em momentos oportunos, recorre-se também à técnica da condução do médium pelas próprias mãos, quando este é guiado pelo instrutor a

posicionar-se ou movimentar-se de maneiras específicas com a ideia de facilitar a incorporação. Há casos em que, para o médium atentar-se somente aos seus próprios movimentos, o instrutor gira-o lentamente por algumas vezes fazendo com que este preste atenção unicamente em si e foque a mente em seu próprio corpo. Porém, este recurso não deve se tornar um padrão pois, da mesma forma que alguns perdem o transe em um simples toque, há também aqueles que tornam esta condução um hábito para a incorporação, tornando-se dependente deste movimento para incorporar e reproduzindo-o a todo momento. Algo similar acontece com crianças que aprendem a dar os primeiros passos pelo suporte dos pais que puxam seus braços para cima, neste caso é natural que ela comece a andar com as mãos para o alto.

Todas estas técnicas são construídas sob a ideia de facilitar a entrega do médium à incorporação do Guia. Permitir com que este faça a sua parte e facilite a aproximação e envolvimento do espírito neste relacionamento. Poderia aqui ser citada mais uma série de outras práticas, portanto deve-se entender que sua eficácia varia muito conforme o ambiente e os médiuns envolvidos no grupo, bem como os métodos e doutrinas do local onde o desenvolvimento é realizado.

ETAPAS DO
DESENVOLVIMENTO

ME,
DIUNI
CO

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

O processo do desenvolvimento mediúnico deve ocorrer de forma gradual, assistida, compassada. Aos poucos, o indivíduo começa a assimilar o que ocorre consigo e como sua mediunidade responde aos “estímulos” gerados pela sua dedicação e envolvimento com a mediunidade. Para isso, compreendemos que o desenvolver da mediunidade, no caso a incorporação, ocorre por etapas.

1) A TEORIA

Por mais que o desenvolvimento esteja direcionado à prática da incorporação, o primeiro ato é entender o que é Umbanda, o que não é Umbanda, o que é mediunidade e todos os assuntos que a envolvem. Comumente, indivíduos que estão nesta etapa, cultivam consigo um repertório de dogmas, tabus e crenças limitantes provenientes de outras culturas e religiões. Este é o momento ideal para desconstruir todas as convicções e edificar as primeiras impressões tanto aos recém-chegados quanto àqueles que já participaram de outros Terreiros. É nesta fase que o indivíduo se depara com um conjunto de informações visuais e verbais presentes no Terreiro e estabelece interações com o coletivo ao qual faz parte.

2) QUESTIONAMENTOS

A máxima para o desenvolvimento:

“Para desenvolver é preciso se envolver”. Nesta etapa, a entrega de si mesmo é imprescindível. Dar permissividade e estar aberto para todos os sentidos que o cercam, sem expectativas. Estar desperto a qualquer sinal que lhe será indicado à percepção extrassensorial. Vale ressaltar que, neste momento, a intenção não é sentir a manifestação do Guia e sim, estar entregue, sem bloqueios. Logo, o contato é a consequência. É neste momento que os primeiros questionamentos práticos começam a surgir, como: **“O que estou sentindo é o Guia?”**; **“Será que é coisa da minha cabeça?”**; **“Sou eu ou é o Guia?”** e **“Será**

que já estou incorporado?”. É comum, nesta fase, o indivíduo julgar-se impaciente e incapaz de incorporar e até buscar recursos para agilizar a incorporação. Desenvolver a resiliência é imprescindível para vencer esta etapa. Entregar-se de mente, corpo e alma é a premissa.

3) PRIMEIROS CONTATOS

É no inesperado que moram os primeiros contatos com os Guias espirituais. Por meio de sonhos, intuições, pontos cantados, evocações e outros meios, os Guias começam a dar seus primeiros sinais. Na prática do desenvolvimento, arrepios, movimentos singelos e alguns passos começam a fazer parte da dinâmica. É importante não rejeitar nenhuma intuição ou suposta ‘vontade’ de realizar algum tipo de movimento. Pode ser este o primeiro passo dado pelo Guia em contato com o médium.

4) A INCORPORAÇÃO

Eis o ápice do processo do desenvolvimento: a incorporação, momento em que a manifestação ocorre e o espírito incorpora. As dúvidas ainda são frequentes, visto que agora o indivíduo percebe que, mesmo incorporado, ele continua em contato com o mundo. Julgamentos como “incorporação forte e fraca” começam a fazer parte do critério de autoavaliação.

5) A COMUNICAÇÃO

Após a incorporação dada de forma completa, ou seja, além da presença há movimentos, danças, brados e outras características individualizadas em cada linha de trabalho, o Guia começa a projetar suas primeiras mensagens. Este é o momento em que cessam as buscas por evidências e nos deparamos com falas e pensamentos nunca antes passados pela nossa mente.

6) O MÉDIUM PRONTO

Os termos “médium firme”, “médium pronto” ou ainda “incorporação

firme” fazem menção ao indivíduo que já recebe seus guias e Orixás de modo natural. Os Guias já se identificam e se comunicam naturalmente; suas mensagens são completamente compreensíveis e o médium tem autonomia para incorporar seus e desenvolver atendimentos aos consulentes.

Por mais que haja um momento que se entenda o médium como “pronto”, jamais haverá qualquer conclusão deste processo. O desenvolvimento é uma prática contínua, pois sempre haverá o que aprender e vivenciar com as manifestações dos Guias e Orixás. Com o passar do tempo, o médium conclui que o aprendizado se renova a cada manifestação espiritual e percebe a necessidade do estudo teórico e prático contínuo.

MEDIUNIDADE
NÃO É SELETIVA

E
NÃO
TEM

RELIGIÃO

MEDIUNIDADE NÃO É SELETIVA E NÃO TEM RELIGIÃO

Por definição oriunda do Espiritismo de Alan Kardec, médium é todo aquele capaz de se comunicar com os espíritos. Entretanto, esta definição não abrange outras culturas, limitando-se somente aos conceitos espíritas.

Na Umbanda, além dos espíritos, manifestam-se encantados e divindades que nomeamos Orixás e, por questões óbvias, suas manifestações e compreensões não fazem parte da obra de Kardec.

Visto este fato, teremos então um outro olhar para o conceito de médium e mediunidade a partir da Umbanda. Sob uma definição umbandista, poderíamos definir mediunidade como **“a capacidade física ou intelectual (*extrassensorial*) de estabelecer contato e/ou relação com seres de diferentes planos e dimensões da vida”**.

Dentre tantos tipos de mediunidade que se conhece como, por exemplo, a clarividência, a psicografia, a pictopsicografia, a incorporação, a clariaudiência, a materialização e tantas outras, a incorporação é a manifestação mais presente e adequada à realidade umbandista.

A partir do momento que o médium dá passividade (*ou passagem*) às primeiras manifestações espirituais, este é capaz de “receber” todas as linhas de trabalho como Caboclos, Pretos Velhos, Erês (*Crianças*), Baianos, Exus, Pombagiras..., bem como os mais diversos Orixás, mesmo que desconhecidos por si.

Quando se afirma que a mediunidade não é seletiva, a proposta é esclarecer que todo médium de incorporação é apto a incorporar qualquer entidade ou Orixá. Entendendo-se assim que a mediunidade não está atrelada aos tipos de espíritos, forças ou divindades os quais se manifestarão, muito menos à religião.

Por exemplo: um médium de incorporação desenvolvida na Umbanda e um médium comum de uma religião específica. O que o qualifica como tal não é a religião e sim sua capacidade de contato com outros planos, seres ou dimensões da vida. Assim, ao tornar-se religioso de outro segmento, continuará médium e capaz de incorporar as entidades espirituais e/ou divinas de outra religião, se assim possível e permitido.

O que devemos compreender é que, tanto os Guias que trabalham na Umbanda, quanto os Orixás, não têm religião. Seus valores e suas mensagens não são para a religião: são maiores; são para a vida.

Iemanjá, Caboclos, Ogum, Pretos Velhos e todos os outros espíritos e divindades se manifestam em locais que, por vezes, independem da religião que ali se desenvolve e dos médiuns que os recebem.

Certa vez, durante uma aula na turma de Desenvolvimento Mediúnico, ao passo que fizemos a chamada da linha das Pombagiras, notei que um senhor, de incorporação já desenvolvida, havia permanecido sentado no canto do salão. Ao final da aula, chamei-o para conversar, questionando sobre o ocorrido. Então, sem hesitar, ele me respondeu: **“Eu não incorporo Pombagira”!** Desde o Terreiro que eu fui iniciado, o Pai de Santo não desenvolveu essa linha na minha mediunidade. Dizia que homens não poderiam incorporar Pombagira. Por isso, não as tenho desenvolvidas”. Por mais bizarro que pareça, essa ainda é a realidade de muitos.

Cada entidade, em suas mais distintas linhas de trabalho, possui valores agregados à suas manifestações em nossas vidas. Todas podem nos ajudar, em diferentes aspectos de nossas vidas, a nos tornarmos seres humanos melhores e sermos mais felizes. Esse é o propósito!

Assim, conclui-se que o médium não precisa ser umbandista para incorporar os Guias de Umbanda, até porque estes não são de propriedade da religião.

Seres divinos e espirituais estão por todos os lugares e seria no mínimo ingênuo acreditar que estes reservariam vossas presenças somente à nossa religião em detrimento a todas as outras formas de relação com Deus e com o Mundo.

TODOS SÃO
MÉDIUNS DE

IN
COR
PORA
ÇÃO

TODOS SÃO MÉDIUNS DE INCORPORAÇÃO

Além da incorporação, por meio de diferentes técnicas, podemos desenvolver outros tipos de mediunidade como a vidência, psicografia, psicopictografia, dentre outras.

Quando o assunto é desenvolver a mediunidade, há um princípio que afirma: tudo o que focamos e/ou damos atenção, cresce, desenvolve-se. Logo, compreendemos que tudo sobre o que debruçamos nossas atenções tende a ganhar valor em nossas vidas.

“A atenção, do latim attendere, entra em contato, nos conecta ao mundo, moldando e definindo a nossa experiência. Como escrevem os neurocientistas cognitivos Michael Posner e Mary Rothbart, a atenção fornece mecanismos “que sustentam nossa consciência do mundo e a regulação voluntária dos nossos pensamentos e sentimentos”. Anne Treisman, uma autoridade nessa área de pesquisa, lembra que o modo como aplicamos nossa atenção determina o que vemos. Ou como diz Yoda: “O seu foco é a sua realidade”.²

O primeiro passo para desenvolver uma faculdade mediúnica específica é o olhar focado a determinada intenção.

Destacam-se quatro aspectos que designam ações eficazes para um bom desenvolvimento mediúnico.

1. COMPROMETIMENTO

Prioridade em metas e objetivos a serem alcançados. Sem comprometimento não há resultados produtivos para o desenvolvimento mediúnico.

² GOLEMAN, Daniel. Foco: A atenção e seu papel fundamental para o sucesso. 1ªed, Objetiva. Rio de Janeiro, 2014.

2. DISPONIBILIDADE

Um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento mediúnico é a frequência e a regularidade que se estabelece junto às ações do médium. Em geral, as turmas ou cursos de desenvolvimento mediúnico ocorrem semanalmente. Ou seja, em um mês de 30 dias, o desenvolvimento ocorre apenas quatro ou cinco vezes. O médium deve considerar este compromisso com extrema seriedade visando o desenvolvimento da mais íntima relação com o sagrado.

3. RESILIÊNCIA

Capacidade que vai além da dedicação. Experiência que permite com que o indivíduo se adapte às novas propostas de sua vida bem como os novos desafios, resistindo às incertezas iniciais e superando possíveis bloqueios.

4. DISPOSIÇÃO

Condição que determina o tamanho da vontade e ânimo para alcançarseu objetivo, neste caso, a incorporação. Este é o termômetro que mede o quanto se está interessado não só em incorporar como também, criar um campo de comunicação com seus Guias e consigo mesmo.

Os aspectos citados acima são imprescindíveis para que haja uma relação saudável entre o médium e sua mediunidade. Nesta relação cabem ainda diversos outros fatores que contribuem para um desenvolver mediúnico saudável. Porém é importante ressaltar que a maioria dos médiuns que se auto afirmam “não-incorporantes” são portadores de bloqueios gerados na infância ou ainda, de modo despercebido, possuem obstáculos alojados no inconsciente que necessitam de um olhar mais apurado para serem identificados.

Para um olhar mais específico sobre essa problemática, três métodos ou conceitos são altamente recomendados:

- 1) A filosofia havaiana do Ho`oponopono, que propõe, basicamente, uma prática para purificar o próprio corpo e se livrar de memórias ou sentimentos ruins;
- 2) A abordagem sistêmica das Constelações Familiares, procedimento terapêutico que promove a elucidação de conflitos no sistema familiar e ancestral, criado pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger;
- 3) A concepção do Efeito Sombra³, conceito que aborda tudo o que foi reprimido durante a formação e o desenvolvimento da personalidade por não se adequar ao ideal de ego, muito explorado por Jung⁴ e difundido por Deepak Chopra et al.

Estes são recursos indicados não só para identificar possíveis bloqueios, como também para o tratamento dos mesmos durante o desenvolvimento mediúnico.

É sabido que muitos dos nossos bloqueios emocionais e mentais têm raízes em nosso inconsciente e, principalmente em nossa infância.

Os bloqueios emocionais são mecanismos de defesa nos quais o inconsciente oculta experiências traumáticas para evitar o sofrimento. Entretanto, embora o trauma não apareça, permanece presente de forma inconsciente, imperceptível, refletindo aspectos negativos na vida da pessoa sem que ela perceba.

Se você não pode enxergar a própria sombra, precisa procurá-la. A sombra se esconde na vergonha, nos becos escuros, nas passagens secretas e nos sótãos fantasmagóricos de sua consciência.

O reino inconsciente parece tão perigoso quanto as profundezas do oceano; ambos são escuros e repletos de monstros invisíveis.⁵

3 CHOPRA, Deepak; FORD, Debbie; Mariane Williamsom. O efeito sombra - Encontre o poder escondido na sua verdade. 1ª Ed., São Paulo: Lua de Papel, 2010.

4 JUNG, Carl Gustav. AION - Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

5 CHOPRA, Deepak; FORD, Debbie; Mariane Williamsom. O efeito sombra - Encontre o poder escondido na sua verdade. 1ª Ed., São Paulo: Lua de Papel, 2010.

Os primeiros passos da incorporação estão muito mais relacionados ao desbloqueio de traumas do que à manifestação espiritual.

Podemos, por exemplo, provocar uma reflexão sobre os médiuns que têm dificuldades de incorporar Erês e dar um olhar clínico para a infância do indivíduo com as seguintes questões: **“Como se deu a sua infância?”**, **“Quais os fatores que mais lhe marcaram enquanto criança?”**, **“Qual foi o papel de seus pais na sua formação?”**, **“Como foram os primeiros anos na escola?”**.

Para aqueles que não conseguem incorporar Exu, por exemplo, a pergunta é: **“Quais são os seus medos?”**, **“O que você teme exteriorizar?”**, **“Quais são suas sombras?”**.

Já para os homens que não se relacionam muito bem com suas Pombagiras, a pergunta deve ser: **“O que você entende por machismo?”**, **“Quais as dores que lhe atingem enquanto reprodutor do machismo?”**.

Todos os olhares acima exemplificados estão relacionados diretamente à forma como nos relacionamos com o outro. Neste caso, nossos próprios Guias espirituais. Estes fatores, portanto, estão no cerne da incorporação na Umbanda como um ato de relacionamento e parceria. O ápice da manifestação não implica somente na presença e atuação dos espíritos, mas sim na incorporação de outra identidade, gênero, valores, culturas, etc.

O QUE É

PRE
CI
SO

PARA INCORPORAR

O QUE É PRECISO PARA INCORPORAR?

Observando centenas de médiuns em desenvolvimento, tomamos ciência de alguns casos que fazem parte do cotidiano dos Terreiros. Antes mesmo de iniciar o desenvolvimento da prática da incorporação, muitos deles já colocam os primeiros bloqueios em suas capacidades.

Assim, o objetivo agora é entender o que é preciso para que este fenômeno de fato se estabeleça.

Os aspectos mais importantes para a incorporação não se tratam “**do que fazer**”, tratam-se “**do que não fazer**”.

O AUTOJULGAMENTO

O autojulgamento é o que há de mais presente e inoportuno no desenvolver da mediunidade.

Não julgue sua evolução nem permita que outros médiuns lhe julguem. Neste momento, estamos sob um processo de aprendizado e, principalmente, autoconhecimento. É impossível que o outro, se não o dirigente, tenha diretrizes para o seu melhor caminhar.

Abandone a razão. Este é o estágio ideal para despertar os sentidos sensoriais e extrassensoriais, sendo este um momento de sentir (*e não de pensar*). Momento do coração e não da mente.

Não utilize frases como: “**Não sou médium de incorporação**”, “**Já sei! Não vou incorporar de novo!**”, “**Não estou sentindo nada...**”. Essas crenças limitantes fazem com que o nosso inconsciente as internalize como verdades.

Os bloqueios influenciam diretamente a percepção e o desenvolvimento da mediunidade. Por vezes, deixamos guardados os

traumas que adquirimos no passar da vida. Situações constrangedoras ou vexatórias mal resolvidas tendem a permanecer gravadas, mesmo que em nosso inconsciente e, sem perceber, bloqueamos a oportunidade de viver momentos similares mesmo que saudáveis.

MENOS OLHAR PARA FORA E MAIS OLHAR PARA DENTRO

Não baseie a sua incorporação ou desenvolvimento no outro. Este é o momento que o mais interessante é ter os olhos virados “para dentro” e não “para fora”. Observe-se, busque momentos para entender o que está acontecendo consigo no momento da chamada dos Guias. Mantenha a sua atenção plena em si. Não se distraia com a manifestação espiritual ou desenvolvimento do outro. Isso é fundamental para que você perceba os primeiros sinais dos planos espirituais. Talvez seja essa a explicação para a frase que tanto ouvimos dos Guias durante o desenvolvimento mediúnico: **“Quem olha pra fora sonha; quem olha pra dentro desperta”**⁶. Ou seja: mantenha-se em seu propósito, atento somente a si mesmo.

DESENVOLVA A MEDIUNIDADE E NÃO A VAIDADE

Não desenvolva a mediunidade para provar nada para ninguém. Como já dito: Incorporação é relacionar-se com o seu íntimo, seus Guias e Orixás. Não torne algo que é tão sagrado, uma ferramenta do ego e da vaidade.

NÃO SE PERCA, FIQUE NA MEDIUNIDADE

Quando eu iniciei o meu desenvolvimento mediúnico, sem conhecimento, curso ou alguém que me orientasse sobre esta etapa, acabei passando por situações desnecessárias.

Houve momentos em que acreditei que o segredo da incorporação estava em algum ritual específico, que havia determinada reza a ser feita,

6 Carl Gustav Jung.

que precisava descobrir qual era o meu Orixá, que deveria **“fazer o santo”** ou tomar um banho de ervas para **“desbloquear”** minha incorporação.

O fato é que sempre procuramos um atalho para agilizar o nosso caminho e, como num passe de mágica, incorporarmos nossos Guias de um modo mais rápido.

O ponto crucial é a mediunidade. Banhos de ervas, guias e oferendas nos aproximam de nossas entidades; entretanto, nada substitui a mediunidade em si.

Muitos perguntam, por exemplo, sobre a importância do banho de ervas para o desenvolvimento mediúnico. Há banhos específicos para cada situação e há sim banhos para a mediunidade. Contudo, que fique claro: nada substitui o desenvolvimento. Assim, o banho de ervas direcionado à mediunidade é um recurso que torna o médium energeticamente propício para o desenvolvimento da mesma.

A mesma ótica se dá para os enteógenos ou bebidas psicoativas muito utilizadas nos xamanismos brasileiros, como a ayahuasca, o rapé, a jurema, dentre outros.

DESAPRENDA

Por vezes, frases como **“Se solta!”**, **“Solte o corpo!”**, são pronunciadas àqueles que estão aprendendo a incorporar. Desaprender talvez seja o processo mais difícil. A oportunidade de desaprender sempre exige desapego.

Desapegar de antigos hábitos e ideologias é essencial, principalmente para quem se propõe a olhar o mundo sob os olhos de seres espirituais muito mais evoluídos.

Desaprender é dar a oportunidade de aprender de novo, de aprender

o novo. Isto é evolução.

Por fim, para incorporar é necessário quebrar todas as expectativas, superar todos os melindres que ainda te impedem de olhar para si, sem máscaras, sem medo de olhar para as suas sombras.

Incorporar é deixar a zona de conforto, as convicções e abrir-se para o novo, porém, não somente na teoria e sim, na prática. É colocar para dentro tudo o que é necessário aprender, transforma-se e, então, colocar para fora tudo o que se é.

ME DI TAR

NÃO É
PARAR DE PENSAR

MEDITAR NÃO É PARAR DE PENSAR

Não importa qual seja o nome utilizado – meditação, atenção plena, mindfulness, consciência. O importante é encontrarmos a testemunha que ficou perdida no amontoado de pensamentos. Uma vez encontrada, temos que nos concentrar cada vez mais nela e, muito lentamente, veremos que pequenos lampejos vão começar a aparecer. De repente a janela se abre – você é transportado para outro ser; certo dia outra porta se abre e uma visão lhe é revelada. Lentamente, muito lentamente, os milagres começam a cercá-lo. Mas toda a ciência consiste em remover barreiras, e a maior delas é a mente.⁷

“Não pense em nada”, “esvazie a mente”! Este é o maior dilema da meditação. Talvez seja por isso que durante os exercícios nas aulas de desenvolvimento mediúnico alguns médiuns ainda abnegam à técnica.

A meditação é um caminho para o autoconhecimento e, conseqüentemente, para a incorporação. Um dos aspectos que mais dificulta a incorporação é o pensamento, a mente inquieta e ansiedade de incorporar.

Baseando-se no foco e na concentração, Bruce Lee, um extraordinário lutador de artes marciais, exímio meditador e profundo conhecedor das palavras de Krishnamurti,⁸ conta a seguinte parábola:

7 OSHO. Mindfulness para que não tem tempo – 1.ed – São Paulo: Planeta, 2017. Bhagwan Shree Rajneesh (o senhor abençoado, em sânscrito) ou somente Osho, foi um ícone criador de diversas técnicas de meditação com centenas de obras publicadas sobre o assunto. Na década de 1970, junto de seus milhares de seguidores, mudou-se para uma comunidade no parque Koregaon, em Puna, na Índia, onde instalaram-se e criaram o seu próprio vilarejo para meditação.

8 Krishnamurti é considerado globalmente como um dos maiores pensadores e professores religiosos de todos os tempos. Ele não expôs nenhuma filosofia ou religião, mas falou sobre as coisas que dizem respeito a todos nós em nossas vidas cotidianas, dos problemas de viver na sociedade moderna com sua violência e corrupção, da busca do indivíduo por segurança e felicidade, e da necessidade de a humanidade se libertar dos fardos internos de medo, raiva, mágoa e tristeza. Explicou com grande precisão o funcionamento sutil da mente humana e apontou para a necessidade de trazer à nossa vida diária uma qualidade profundamente meditativa e espiritual.

Certa vez, enquanto cortava alguns troncos de madeiras, um lenhador chinês ouviu um ruído na mata e as árvores começaram a chacoalhar. De repente, um dragão de verdade aparece por entre a vegetação! Fumaças saíam de suas narinas e o chinês diz:

“Nossa, é real! Se eu capturá-lo, ficarei famoso e rico!”.

Assim, pegou o machado e foi em direção do dragão. Ao desferir o primeiro golpe, o animal rapidamente se esquivou. No segundo golpe, o mesmo aconteceu. Antes mesmo de desferir o terceiro golpe, o dragão novamente se esquivou. Com isso, o lenhador percebeu que o animal lia a sua mente. Foi então que voltou ao trabalho e, após cortar alguns troncos, o machado voou de sua mão e atingiu diretamente os olhos do dragão.⁹

Conseguimos relacionar o desenvolvimento mediúnico e a concentração para a meditação com as atitudes do lenhador. É um hábito buscarmos a incorporação de modo pragmático, sem ao menos observarmos o “movimento” de nossa mente. Sem mesmo perceber o que está acontecendo com a nossa cabeça no momento em que tentamos nos conectar com os nossos Guias. Como em um telefone ocupado, não conseguimos estabelecer nenhum tipo de comunicação devido ao “ruído” entre este processo.

Para observarmos o que ocorre com nossa mente durante os momentos que antecedem a incorporação, usamos a meditação.

O ato de meditar é o momento em que paramos tudo o que estamos fazendo para simplesmente observar o que a mente está fazendo. Esta, por sua vez e em primeira instância, não muda os “hábitos”, ou seja, no momento em que começamos a observar seus “movimentos”, estes continuam os mesmos. Assim, conseguimos examinar como simples expectadores o que a mente tanto reforça em nosso consciente. Preocupações, agendas, atividades, contas, compromissos, dentre outros pensamentos norteiam o

⁹ Bruce Lee: The legend lives on. Direção: James Harker, Produção: Ray Santilli. Reino Unido (UK): WHE International, 2002, 1 DVD.

universo do nosso invisível imaginário. No momento em que nos dedicamos a somente observar todos estes pensamentos sem julgamentos, aos poucos a velocidade dessas informações vai diminuindo, a “correria mental” vai desacelerando e, sem notar, aos poucos damos conta de acompanhar tudo caso a caso, a ponto de pararmos de pensar na velocidade da mente e começamos a escolher o que vamos pensar. Eis então o momento em que podemos escolher, inclusive, “não pensar em nada”. Chegando a esta etapa, notamos que novos pensamentos começam a surgir; a seguir, reflexões nunca antes percebidas começam a fazer parte de nossa consciência. É então quando notamos que, se não estamos pensando em nada, ou ainda, se não reconhecemos os pensamentos, há portanto alguém pensando por nós, tirando conclusões por nós e ainda sugerindo diretrizes de como devemos nos posicionar frente às encruzilhadas da vida. Este é o caminho não só para falar como também para ouvir os nossos Guias e nossas intuições.

O procedimento de observação da mente, conforme citado, nasce no hinduísmo, permeia o budismo e torna-se conhecido por Mindfulness (*Atenção Plena*), uma técnica validada cientificamente na década de 1970 pelo professor Jon Kabat-Zinn, que a introduziu na Escola Médica da Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos, por meio de um programa de redução de estresse. A saber, na Mindfulness Based Stress Reduction (*MBSR*), como também é conhecida. Foi desenvolvida para reduzir a ansiedade, estresse, dores e enfermidades e atualmente é utilizada em hospitais, empresas, centros médicos e instituições de saúde.

Meditação se ocupa em observar e regular, basicamente, a forma como vivemos e enxergamos o nosso dia a dia. Todavia, não há uma proposta de tornar o ser humano alguém mais sábio ou mais iluminado. Há um ideal em transformar o julgamento desnecessário e aprisionador em discernimento consciente, permitindo assim distinguir “quem nós pensamos” ser daquele “o qual realmente somos”.

“Meditação significa prontidão, conscientização, mindfulness. Então, o que quer que esteja fazendo, faça-o conscientemente, não o faça mecanicamente.”¹⁰

10 Osho.

DE MÉDIUM
E LOUCO

TODO MUN DO

TEM UM POUCO

DE MÉDIUM E LOUCO TODO MUNDO TEM UM POUCO

A mediunidade é um fator produtor de sentido para a vida¹¹. Ao refletir sobre a mediunidade a partir do ponto de vista de um leigo – aquele que adentra um Terreiro de Umbanda pela primeira vez – não é difícil imaginar os julgamentos que partem de suas primeiras impressões, principalmente se este se depara com uma Gira de Erês, por exemplo.

Em algum momento surgirão os seguintes questionamentos: “**Será que não estão loucos?**”, “**Será que não se trata de um caso de esquizofrenia ou insanidade coletiva?**”, “**Não seria este mais um caso a ser tratado pela psicopatologia?**”.

Assim, é dada a largada aos questionamentos e comparações sobre mediunidade e insanidade.

Para compreendermos a diferenças entre os casos, o ponto inicial é observarmos os aspectos individualmente e, a seguir, criarmos um paralelo entre eles.

Logo:

Mediunidade é uma faculdade ou um fator intrínseco ao ser humano que o condiciona e/ou produz habilidade de se relacionar com realidades energéticas, espirituais e divinas.

A experiência espiritual não -patológica é um acréscimo às possibilidades vivenciais do indivíduo, não se interpondo às demais experiências cotidianas da consciência. Assim, espera-se que a pessoa saudável passe por uma vivência incomum e logo retome seu estado habitual de consciência e suas atividades cotidianas. (JUNIOR, ADAIR, 2008, P.77).

11 CUMINO, Alexandre. Umbanda e o sentido da vida. 1ªed. São Paulo: Madras, 2015.

Loucura: Eis um dos mais desafiadores exercícios da ciência: definir loucura. Longe de se aventurar ao mergulho dos mais diversos conceitos e correlações existentes sobre a temática, cujo ponto nevrálgico é abordado pelas mais variadas disciplinas sob conceituados nomes como Michel Foucault, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e outros, o intento é trazer à luz um olhar aproximado do conceito mais aceitável sobre loucura em nossa sociedade.

Teoricamente, denominada psicose, a loucura caracteriza a doença mental que impossibilita a distinção entre a fantasia e a realidade, inibindo o ser de conduzir suas atividades devido aos hábitos que exprimem certa ruptura com o mundo real ou ainda frente a um comportamento impulsivo incontrolável. Está associada ao sofrimento e à incapacitação.

O psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, João Frayze Pereira, aponta tendências, mesmo que questionáveis, para a identificação da loucura, sendo esta:

“A falha da forma pessoal, consciente, normal, equilibrada e saudável de ser, um desvio do grupo social: o louco é perigoso para os outros, senão para si mesmo.”¹²

Por meio da obra “História da Loucura”¹³, o filósofo francês Michel Foucault elucida a questão da psicose como um fator associado predominantemente às questões sociais do que propriamente individuais. Compreende o “louco” a partir da sociedade na qual este encontra-se inserido. Portanto, através desta visão, conclui-se que a **loucura é um fenômeno sociocultural manifestado em um indivíduo.**

A comparação e as dificuldades de compreensão entre a mediunidade e a loucura são temas de amplos debates no âmbito psiquiátrico desde o final do século XIX e início do século XX.

12 FRAYZE-PEREIRA, João. O que é loucura. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985, p.29.

13 FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Em 1908, o fundador da Umbanda, Zélio Fernandino de Moraes, antes de anunciar a religião, teve sua mediunidade confundida com a loucura e foi encaminhando para um tratamento psiquiátrico. Seus familiares identificavam suas manifestações como “ataques”; ora se comportava como um profundo conhecedor dos mistérios da natureza, ora parecia um velho senhor.

“Estes fatos chamaram a atenção de seus pais e demais familiares. A situação foi se agravando e os denominados “ataques” ocorriam com maior intensidade. A família recorreu então ao Dr. Epaminondas de Moraes, tio de Zélio e diretor do Hospício de Vargem Grande. Após examiná-lo e observá-lo durante vários dias, comunicou à família que aquele quadro de loucura era totalmente desconhecido pela medicina, dizendo ainda que seria interessante encaminhá-lo a um padre, pois o jovem Zélio parecia estar possuído por algo demoníaco.” (TRINDADE, 2009)¹⁴

Em busca do entendimento das origens e fundamentos das manifestações mediúnicas no Brasil, médicos como o paulista Francisco Franco da Rocha¹⁵ (1864-1933) e o maranhense Nina Rodrigues¹⁶ (1862-1906) constituíram pensamentos nocivos, eugenistas¹⁷, racistas e racialistas (*negros e suas culturas colocados em estágio intelectual mais primitivo que brancos*), os quais vieram a degradar a imagem não só da mediunidade como também do Espiritismo e, principalmente do Candomblé.

Em sua obra “O animismo fetichista dos negros baianos”, Nina Rodrigues, afirma:

“Como na possessão demoníaca, como na manifestação espírita, o santo fetichista pode apoderar-se, sob invocação

14 TRINDADE, Diamantino Fernandes. Umbanda brasileira: um Século de história. São Paulo: Ícone, 2009.

15 Fundador do Hospital do Juquery, um marco na história da saúde pública do estado de São Paulo. Fundador da primeira sociedade de psicanálise da América do Sul. Foi o primeiro professor da cadeira de Neuropsiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, atual USP.

16 Médico legista, psiquiatra, professor, escritor, antropólogo e etnólogo brasileiro. Foi também dietólogo, tropicalista, sexologista, higienista, biógrafo, epidemiologista

17 Eugenia é um termo que veio do grego e significa “bem nascido”. Trata-se de um conceito que surge para validar a segregação hierárquica. DIWAN, Pietra: Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

especial do pai-de-terreiro, ou ainda de qualquer filho-de-santo, e por intermédio deles falar e predizer. A pessoa em quem o santo se manifesta, que está ou cai de santo na gíria do Candomblé, não tem mais consciência de seus atos, não sabe o que diz, nem o que faz, porque quem fala e obra é o santo que dele se apoderou. Por esse motivo, desde que o santo se manifesta, o indivíduo que dele é portador perde a sua personalidade terrestre e humana para adquirir, com todas as honras a que tem direito, a do deus que nele se revela”. (1935, p. 99-100)¹⁸

AUGRAS (1995), conclui por meio das citações do psiquiatra alagoano Arthur Ramos, em sua obra “O Negro Brasileiro”:

“Além do determinismo da formação médica no caso de Nina e Ramos, esses autores não faziam senão expressar os modelos etnocêntricos e evolucionistas que permeavam o pensamento científico de seu tempo. Praticadas por grupos socialmente inferiorizados, as religiões de origem africana eram estudadas pelo viés que mais claramente se prestava a enfatizar-lhes o caráter exótico, ou seja, que garantisse sua marginalidade, em relação ao modelo dominante”.¹⁹

Em 1914, na cidade de Uberaba/MG – região marcada pela mediunidade de Chico Xavier²⁰, o Dr. Teixeira Alvares²¹, publica opiniões de notórios professores e psiquiatras, coletadas em suas pesquisas de campo, conforme abaixo:

“O médium vidente, em minha opinião, não é um tipo normal; é quase sempre um desequilibrado. Devo-lhe

18 NINA RODRIGUES, Raimundo. O animismo fetichista dos negros baianos. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1935. Trata-se de um conjunto de quatro capítulos publicados originalmente na Revista Brasileira entre 1896 e 1897. Porém, somente em 1935, foram editados em um único livro por Arthur Ramos.

19 AUGRAS, M. (1986). Transe e construção de identidade no Candomblé. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.2, n. 3, pp. 191-200.

20 Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier foi, talvez o maior expoente do espiritismo no Brasil, se não, no mundo. Conhecido por sua eximia faculdade mediúnica, mais precisamente, a psicografia.

21 ALVARES, João Teixeira. O Espiritismo. Uberaba, 1914 (p. 122-125).

*dizer que eu, pelo menos, nunca vi um médium que fosse indivíduo normal. Pode ser que exista; eu, porém, não o vi ainda.*²²

*“Tenho visto muitos casos de perturbações nervosas e mentais evidentemente despertadas por sessões espíritas. No Hospital Nacional, não raro, vêm ter tais casos”.*²³

Já na França, pátria de Allan Kardec, ainda sob esta perspectiva, o psiquiatra francês, Marcel Viollet²⁴, afirma:

“Os elementos que entram na constituição espírita são análogos aos elementos que entram na constituição do delírio: Sua origem, seus fatos milagrosos, seus oráculos são puramente hipotéticos. A doutrina espírita abre largo campo a todas as hipóteses; Essa doutrina não conhece limites; é o infinito que se propõe como problema ao finito; sob este ponto de vista, o espiritismo constitui um vasto caldo cultural para todas as perturbações, para todas as espécies de desequilíbrios e loucuras”.

No século XX, diversas foram as teses e argumentos dedicados a combater o espiritismo e as religiões mediúnicas, pois eram vistos como um perigo social que deveria ser segregado da sociedade. Evidente que este olhar foi arduamente imposto, principalmente pelos discursos inquisidores da Igreja Católica, como registrados nas obras “O Livro Negro do Espiritismo”²⁵ de Carlos José Boaventura Kloppenburg, conhecido como Frei Boaventura, e o “O Espiritismo à Luz da Razão”²⁶, de Pascoal Lacroix e F.M. Bueno de Siqueira.

Mesmo com os deturpados discursos e publicações pejorativas, ainda no final do século XIX, mais precisamente em 1882, uma parte da comunidade científica decide dar um novo e mais saudável olhar para as

22 Franco da Rocha.

23 Juliano Moreira. Diretor do Hospital Nacional de Alienados, Rio de Janeiro, 1903.

24 Viollet, Marcel. Le Spiritisme dans ses Rapports avec la Folie. Librairie Bloud Et Gli. Paris, 1908.

25 BOAVENTURA, Frei. O Livro Negro do Espiritismo. Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 1955.

26 LACROIX, Pascoal et. al. O Espiritismo à Luz da Razão. Ed. SCJ, Rio de Janeiro, 1941.

questões da mediunidade. Eis então que, na cidade Cambridge, no Reino Unido, surge a Sociedade de Pesquisas Psíquicas (*Society for Psychological Research*), um grupo de pesquisadores com o intuito de compreender a existência e a manifestação dos ditos eventos paranormais. O pioneiro grupo, que teve como um de seus integrantes o psiquiatra e psicoterapeuta Carl Gustav Jung, começou a desenvolver os primeiros estudos sobre os fenômenos dissociativos e os estados alterados de consciência. (Alvarado, 2002)²⁷.

Além de se estabelecer como um fator reprodutor de sentido para a vida, para a Umbanda a mediunidade é também símbolo de identidade e resistência de sociocultural.

Em um bate papo informal numa tarde de 4 de novembro de 1995, Pierre Verger declama ao escritor Luis Pellegrini uma resposta digna de um poema popular e, comentando sobre o transe, traduz em palavras um dos maiores sentidos para a incorporação:

“Pela manhã, antes de vir me visitar, você não disse que foi ao Pelourinho e comeu um acarajé feito por aquela baiana que monta seu tabuleiro ao lado da Fundação Jorge Amado? Pois bem, aquela mesma baiana, igual a tantas outras, vestida de baiana e coberta de balangandãs, que passa o dia fritando acarajé para ganhar a vida, você sabe o que acontece à noite, quando ela vai para o seu terreiro, quando ela dança e entra em transe ao som dos atabaques e incorpora a Oxum que ela carrega? Preste atenção: ela deixa de ser uma simples baiana, igual a milhares de outras, para se transformar naquilo que ela realmente é – uma rainha. Uma rainha, sim, na profundidade do seu ser. Respeitada, tida e havida como tal por toda a comunidade do seu terreiro. E aquele estivador que passa o dia carregando sacos no cais do porto, sabe o que acontece quando ele incorpora no terreiro o Xangô que ele carrega? Acontece o mesmo: ele se transforma num rei, porque a sua verdadeira natureza é a de um rei. Você me

27 Alvarado, C. S. (2002). Dissociation in Britain during the late nineteenth century: The Society for Psychological Research. *Journal of Trauma and Dissociation*, v. 3, n. 2, p. 9–33, 1882–1900.

perguntou, eu respondo: foi para isso, sim, que dediquei a maior parte da minha vida. Para contemplar e tentar entender esse espetáculo único, o maior espetáculo da Terra, que é a manifestação plena da verdade que habita a pessoa humana. A verdade profunda que é representada pelo orixá. E, se mais dez vidas eu tivesse, de bom grado dedicaria todas elas a esse mesmo objetivo.”

Frente a tantos argumentos propostos acima, podemos então concluir que:

A mediunidade produz um sentido para a vida, ou seja, transforma a vida do médium e daquele que vive experiências mediúnicas de forma assistida, estudada e desenvolvida. É devidamente controlada, portanto, tem dia, local e horário para se manifestar. Ainda assim, é opcional e não obrigatória, suprimindo então, a ideia de missão assumida ou carma.

No Terreiro de Umbanda, durante o atendimento espiritual aos consulentes, o médium assume o lugar de espectador e tem a oportunidade de perceber como o seu próprio Guia se relaciona com o indivíduo diferente, com os questionamentos alheios os quais, em muitos casos, são similares aos questionamentos do próprio médium. Eis então o ponto alto da incorporação para os atendimentos e conselhos realizados nas Giras de Umbanda, processo que contribui amplamente para o crescimento intelectual do médium durante suas incorporações.

Quando a manifestação mediúnica ocorre sem permissão, ou ainda, quando a incorporação não produz sentido nem à vida do médium nem àqueles que o cercam, a veracidade da incorporação é passível de dúvidas e questionamentos.

A psicopatologia não condiciona nenhum sentido à vida, em suma, está associada a conceitos decorrentes de distúrbios mentais; ocorre sem a vontade ou autorização do indivíduo. Esta, por sua vez, reproduz efeitos similares ao que se entende por possessão.

Cardeña et al. (2013)²⁸, conceitua a incorporação como um estado de alteração provisório da consciência, do comportamento e/ou da identidade, com diminuição da percepção do ambiente e suscetíveis ações que fogem ao controle do próprio indivíduo, sem substituição da própria consciência por outra. No caso da possessão, é definida com características similares à incorporação. Porém, as alterações da consciência são atribuídas a uma força externa ou espírito que toma posse da consciência do indivíduo. Neste caso, mesmo sem uma permissão consciente, ainda que possuído, pode-se afirmar que há uma permissão inconsciente

Já o antropólogo Ioan M. Lewis²⁹ propõe o seguinte raciocínio para diferenciar o contexto entre incorporação e possessão:

A incorporação é episódica. Ocorre em um tempo delimitado, é organizada e ocorre dentro de um contexto cultural que lhe confere significado. Já a possessão tende a ser crônica, ocorre de forma não-controlada, não é organizada e não compatível com o contexto cultural no qual o indivíduo esteja integrado.

Conclui-se assim os limiares entre mediunidade, possessão e loucura, entendendo que o âmbito religioso deve sempre se estruturar a partir de um ambiente seguro, consciente. Por melhor que seja o estágio da mediunidade ou o grau da incorporação, é saudável quando há ética, conhecimento, consciência, presença e controle por parte daquele que se predispõe a dar passividade à manifestação de um espírito para a prática do amor.

É dessa forma que deve se manifestar a mediunidade dentro de um Terreiro de Umbanda.

28 CARDEÑA, Etzel, LYNN, Steven Jay, KRIPPNER, Stanley. Variedades da Experiência Anômala, Atheneu, 2013.

29 IOAN, Lewis M., Êxtase religioso: Um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo, São Paulo. Perspectiva, 1977.

A

PRI MEI RA

INCORPORAÇÃO

A PRIMEIRA INCORPORAÇÃO

Há um universo de teorias populares que busca dizer como devem ocorrer as primeiras manifestações mediúnicas. Alguns afirmam que o primeiro Guia a incorporar é considerado o Guia chefe ou o Guia de frente. Outros apontam a facilidade ou dificuldade de incorporar Orixás em comparação às linhas de trabalho. Encontramos ainda os que insistem que a primeira incorporação não pode ocorrer com os Guias de Esquerda. Além de sugestões infundadas, essas afirmações só limitam os médiuns a agir conforme noções pré-estabelecidas, sem notar que, neste momento, não há no que se apegar; pelo contrário, a ideia é desapegar de tudo o que limita a incorporação.

De fato, não há regra! E para que fique entendido, embora óbvio e redundante: a primeira incorporação só significa que você incorporou, que se permitiu sentir, notar, perceber a presença do seu Guia espiritual.

Após a primeira vez que se percebe incorporado, é um fato, há uma sensação de equívoco ou dúvida. Porém, parece como o virar de uma chave pois, a partir de então você se entende como médium de incorporação e reconhece o caminho que melhor lhe cabe para sentir os seus Guias.

As primeiras incorporações são apresentações de nossa família espiritual. Portanto, nesta etapa não há necessidade de saber o nome, campo de atuação ou ponto riscado destes que integram a nossa família espiritual e são parte da corrente de espíritos de toda esta encarnação. Deixar fluir naturalmente sem expectativas ou ansiedade é o lema.

INCORPORAR

EM
CASA

INCORPORAR EM CASA

Pelo fato de incorporação e desenvolvimento serem o cerne principal desta obra, é comum nos depararmos com temas referentes às primeiras incorporações. Um dos assuntos mais debatidos é a possibilidade de o médium incorporar seus Guias em casa.

Antes de elucidar esta questão é preciso desconstruir a ideia de que mediunidade é algo ruim, doloroso; que incorporação fora do Terreiro é um perigo. Alguns defendem a ideia que a incorporação deve ocorrer somente em ambientes onde haja a presença de um “perito” presente, pois se o espírito incorporar fora do Terreiro pode ficar descontrolado, quebrar tudo.

Podemos ainda expandir este raciocínio à máxima da ignorância que proíbe o médium da corrente a visitar outros Terreiros ou espaços religiosos justificando o fato deste voltar ao seu Terreiro com “carrego”.

Estas e muitas outras afirmações fazem parte de um imaginário criado por aqueles que desconhecem mediunidade, que não são médiuns de incorporação ou têm medo que médiuns de sua corrente se tornem independentes e rompam com a dependência espiritual.

Se assim fosse, mediunidade não seria algo intrínseco ao ser humano.

Além disso, muitos compreendem a incorporação sob a ótica de conceitos oriundos de outras religiões como o Catolicismo, o Candomblé e o Espiritismo, sem notar que, ora ou outra, estes conceitos irão se colidir.

Umbanda é religião que se estabelece por meio de teoria e prática e ambas caminham juntas independentemente do local. Importante ainda é destacar o fato de que a religião nasce e se desenvolve dentro da residência de seu fundador, Zélio Fernandino de Moraes e o mesmo ocorreu comigo, com os mestres Ronaldo Linares, Rubens Saraceni, Alexandre Cumino e

com a maioria dos sacerdotes de Umbanda que hoje desenvolvem suas atividades em grandes Terreiros com capacidade para abrigar centenas de pessoas.

Há de se entender então que a questão não está relacionada ao ambiente em si e sim ao preparo do médium e da situação.

Quando a pessoa desenvolve teoria e prática de forma séria, firme e segura a ponto de seus Guias se manifestarem e transmitirem uma mensagem coesa, com maturidade mediúnica, trata-se de mais um caso em que a incorporação fora do Terreiro pode ocorrer normalmente. E se houver algum preparo ou firmeza a ser feito, certamente o próprio Guia irá dizer.

Se o médium não conhece sua religião, mal conhece seus Guias e não se sente firmemente incorporado, certamente não está preparado para incorporar nem em casa, nem no Terreiro. Necessita de conhecimento teórico e prático para compreender o universo da incorporação, ou seja, estudar, entender e desenvolver a mediunidade.

É importante perceber que incorporação não se resume somente em um ato realizado para atendimentos aos necessitados, para aconselhamentos e tratamentos aos consulentes. Vai muito além disso! É relacionamento, parceria e é a oportunidade de notar a presença daqueles que são parte de nossa família espiritual.

Nossos Guias certamente prestam caridade àqueles que os procuram, mas incorporar somente para estar conosco também é virtude e manifestação natural do amor que nutrem por nós, seus filhos. Desta forma o médium de incorporação tem a possibilidade de se relacionar com os seus próprios Guias, mesmo sem ter nada para pedir ou ainda nada para falar. Trata-se de estar ao lado, de convivermos com quem amamos incondicionalmente.

COMO SABER SE NÃO ESTOU SENDO ENGANADO?

Em muitas situações nos deparamos com comentários ou até posts que alertam sobre os riscos de incorporar em casa sob a justificativa de não termos discernimento frente a verdade do espírito. Alguns ainda afirmam que um espírito ruim pode fazer o papel de um Guia bom. E este é um campo vasto para se criar as mais diversas nomenclaturas como: eguns, quiumbas, espíritos trevosos, vampirizadores e definições específicas para cada um. Assim, pairam no ar questões como: “E agora? Como saber se estou incorporando o meu Guia ou um egun?”, “Será que passei a vida inteira incorporando um espírito que não era um Guia da luz?”

Questões como estas são comuns quando não há um pensamento crítico sobre a religião. Talvez o argumento ideal para estas afirmações seria: “O quanto você é umbandista?”.

A fonte destas proibições está diretamente ligada a outras vertentes religiosas como o Espiritismo, que condena o simples ato de acender uma vela dentro de casa ou ainda o Catolicismo, que traz consigo uma série de dogmas e tabus inexistentes na Umbanda, ou até mesmo o Candomblé, que tem um olhar diferente para os espíritos (*eguns*) e proibições como “quizilias” de Orixás.

A partir da Umbanda, define-se como legítima, a manifestação espiritual que preenche os seguintes requisitos:

ATITUDE

Entende-se como um Guia de Umbanda, independente da linha em que se atua, o espírito que traz consigo a postura íntegra de respeito. Lembremos: estes espíritos nos amam e vêm sempre para nos ajudar em algum ponto de nossa vida. Assim, quem ama não machuca, não agride, não ensina por meio da dor ou da ameaça. Este que se manifesta entende e respeita as normas de conduta impostas no local. Assim sendo, por exemplo, quando é chegada a hora de partir (*subir*), o espírito entende claramente o recado e se vai, quando não o faz por livre e espontânea vontade.

Geralmente a presença do espírito é anunciada, ou seja, o médium desenvolvido identifica que há um Guia que, no momento oportuno, deseja se comunicar. Isso não quer dizer que os espíritos que se apresentam sem avisarem são falsos. O ponto é que isto não pode se tornar uma regra, como nos depoimentos em que espíritos sempre se manifestam nos momentos mais inoportunos como: reuniões de famílias, aniversários, festas... nestes casos, podemos identificar como desequilíbrio. Portanto, não é saudável.

Os Guias são dignos de seu grau evolutivo, não vêm para pedir coisas. Aliás, não necessitam de nada para se fazerem presentes. Assim, o cafezinho do Preto Velho, o cigarro da Pombagira, o marafo do Exu, etc., são elementos que damos como ferramentas de trabalho que, mesmo sem estes, os Guias se manifestam com muito amor e prazer.

MENSAGEM

É importante enfatizar que, quando presentes, os Guias são portadores do máximo respeito. Jamais dirão palavras ofensivas, mentiras ou utilizarão de vocabulário chulo e muito menos adjetivos ou julgamentos infames.

Como elucidado anteriormente, são parte de nossa família espiritual. Trazem consigo uma essência de paz, de amor, perceptível por todos a sua volta. Portanto, seria impossível um espírito errante se fazer presente com palavras de paz e amor, de Deus e dos Orixás, permitindo vivermos as nossas verdades e nosso livre arbítrio. Estas são atitudes dos nossos Guias e seria assim impossível confundi-los com aqueles que vêm para atrapalhar, desonrar, tirar proveito, trazer ódio ou dor aos seus.

Com isso, é simples entendermos a diferença entre aqueles que são parte de nossa existência espiritual e aqueles que, de alguma forma, se manifestam para atrapalhar, agredir ou confundir o médium e a incorporação. Quando há relação saudável com alguém, encarnado ou desencarnado, reconhecemos o olhar, o jeito de falar, as palavras e, principalmente, enquanto médiuns, sentimos o “estado de espírito” daquele que se faz presente.

O GUIA DE

**FREN
TE**

O GUIA DE FRENTE

Guia de frente é a classificação que se dá ao Guia espiritual que mais atua sobre a espiritualidade do médium, seja ele um Caboclo, Preto Velho, Baiano, Boiadeiro, Marinheiro, Exu, Pombagira... É aquele que mais tem relação e proximidade com o “seu filho”.

Identificar o Guia de frente é condição àqueles que buscam entender os processos evolutivos da própria vida tendo como exemplo um ser humano mais evoluído, portador de valiosos valores arraigados à sua essência. Para isto, basta dedicar um momento específico para fazer a chamada dos Guias de frente que estes incorporam e se apresentam como tal.

Quando o médium já possui condições de incorporar todas as linhas, se faz importante identificar o seu Guia de frente para assim interpretar as afinidades existentes entre si e a entidade que lhe acompanha.

Através desta ótica também se reafirma a ideia de que a Umbanda não é só uma religião destinada à caridade. É, principalmente, uma religião voltada ao desenvolvimento de todos os sentidos da vida: sejam emocionais, mentais ou espirituais, pois permite que o indivíduo compreenda a si mesmo e, conseqüentemente, o mundo a sua volta. Assim, desenvolve um olhar não só para as suas virtudes como também para os seus vícios e defeitos; para sua luz como também para suas sombras, obtendo as ferramentas ideais para se tornar um ser melhor, fazendo jus ao propósito da reencarnação: a evolução espiritual.

Vejamos abaixo como se apresentam algumas destas relações:

FILHOS DE PRETOS VELHOS

Os filhos de Pretos Velhos e Pretas Velhas trazem questões relacionadas à resiliência frente aos desafios da vida, ao mistério ancião, à ancestralidade e à paciência. Implica em ser aquele que olha para si sem

esquecer suas raízes.

A humildade destaca-se como um dos aspectos a serem trabalhados.

O Preto Velho reflete o arquétipo do sábio, daquele que tudo observa e toma suas atitudes com muita sabedoria. Aquele que teve motivos para desistir de tudo e de todos e, embora tenham retirado tudo de si, manteve o que tinha de mais valioso: seu amor e sua fé. Esses valores tornam-se indícios para que o médium entenda sua responsabilidade frente aos desafios de sua própria encarnação.

FILHOS DE CABOCLOS

Para os filhos de Caboclos e Caboclas a palavra-chave é a coragem.

O Caboclo é símbolo daquele que abdica de sua família (*zona de conforto*) e de sua oca (*porto seguro*) em busca da caça, uma figura de linguagem para referenciar a busca das metas, objetivos e sonhos. Porém, não só sob a ótica material como também em um âmbito mais subjetivo como a busca pelo amor próprio, pela fé inabalável, pela consciência desperta etc.

O Caboclo é retrato do forte, do ágil, do destemido, do corajoso, daquele que levanta e, mesmo sem conhecer seu oponente (*desafios*), enfrenta-os. Traz consigo a flecha, símbolo de determinação, direção e objetivo (*alvo*).

FILHOS DE ERÊS

Já aqueles que trazem Erês como Guias de frente, são pessoas com questões arraigadas ao desenvolvimento da personalidade, aos primeiros passos da vida ou ainda à alegria de viver. Deve-se despertar um olhar para os momentos não vividos durante a infância. Traduzem a busca pela inocência perdida devido à necessidade do indivíduo se tornar adulto

prematuramente ainda durante sua fase infantil.

Ainda assim, muitos daqueles que apresentam bloqueios conscientes ou inconscientes ligados a esta etapa da vida podem apresentar dificuldades para incorporar esta linha de trabalho.

FILHOS DE EXUS

Aqueles que possuem a figura dos Exus como Guias de frente apresentam uma forte relação com as suas próprias sombras. São médiuns que devem, de modo enfático, se conscientizar da presença de suas sombras. Por meio do aspecto exteriorizador, Exus são aqueles que trazem à tona todas as sombras as quais o médium procura esconder.

FILHOS DE POMBAGIRAS

Aos filhos de Pombagiras, o ponto marcante está ligado à valorização de tudo o que é sagrado e, ao mesmo tempo, feminino. E não somente isto: se identifica a presença de um Guia que representa a criação, pois tudo nasce a partir do feminino. Temos Iemanjá, Orixá da geração, como exemplo disso. A autonomia de ser quem se é, a propriedade de ser criador de seus próprios frutos sem depender de ninguém e a independência em sua própria vida são alguns dos fatores que podem interpretar a Pombagira como Guia de frente.

FILHOS DE MALANDROS

Aos filhos de Malandros, a ginga da vida é o ponto marcante da relação. O destaque está no olhar para o mundo e, mesmo com os desafios que lhe são colocados, nunca deixar se abater. Jamais perder o sorriso no rosto, o gingado do corpo e a sagacidade da vida. O filho de Malandro é aquele que, independente do que precise fazer para manter-se vivo, em pé, jamais perde sua dignidade.

Leituras como estas podem e devem ser realizadas com todas as outras linhas. Porém tornam-se ainda mais evidentes quando, identificamos em nós o que tanto portamos de determinados Guias, assim evidenciando o quanto temos presente deles em nós mesmos, fruto de um aprendizado desta e tantas outras vidas. Assim, a pessoa ideal para explicar o porquê de se ter determinado Guia de frente é o próprio médium.

O MÉDIUM DE

TRANSPORTES

MÉDIUM DE TRANSPORTE

Antigamente era comum a presença de uma técnica por muito tempo praticada durante os trabalhos de atendimento na Umbanda: o transporte. Trata-se de uma prática pela qual o médium já desenvolvido, em contato com um consulente que se identifique acompanhado de um espírito desequilibrado, perturbado ou mesmo um quiumba³⁰, transporta este espírito para si mesmo, incorporando-o. Com isso, apresenta maior facilidade para retirar este espírito de uma suposta obsessão.

O que determina esta prática é o simples fato de um médium ter a incorporação desenvolvida e a habilidade de incorporar e desincorporar espíritos desconhecidos, que não fazem parte de sua família espiritual.

Durante este processo, o espírito obsessor pode ter a oportunidade de se pronunciar e transmitir algum recado. Na maioria das vezes, não se trata de nada produtivo ou que agregará algo ao obsediado. Assim, o ato resume-se em retirá-lo do ambiente por meio do transporte ou conscientizar o consulente que está provocando desequilíbrio em sua própria vida.

Conclui-se então que “médium de transporte” não é uma categoria de médiuns específicas se não aqueles que são incorporantes desenvolvidos.

Hoje em dia, há uma série de práticas que substituem este tipo de trabalho. Durante o atendimento, o próprio Guia “resolve” os desequilíbrios dos consulentes, quase que de forma automática e imperceptível por meio de magias específicas, pontos riscados, defumações, bate-folhas etc. Assim, não há a necessidade do quiumba se manifestar e necessitar de mais um médium para realizar este trabalho, dispensando inclusive a doutrinação praticada por influência do espiritismo brasileiro, dito kardecista, e seu método que tornou-se popular em câmaras de passe e desobsessão.

30 Nomenclatura utilizada para identificar um espírito ruim.

QUEM PRECISA
DE

**DOU
TRI
NA**

QUEM PRECISA DE DOCTRINA?

Ainda é comum que expressões como “Você precisa doutrinar o seu Guia!” ou “Seu Exu não pode trabalhar porque ainda não é batizado!” façam parte da realidade de algumas doutrinas. Porém, que fique claro: os Guias que trabalham nos Terreiros de Umbanda possuem vasto conhecimento e sabedoria. Com isso, jamais se manifestam para o propósito que esteja desvinculado do amor, do respeito e da caridade.

Quando o espírito atinge um grau que o permite trabalhar durante os atendimentos na Umbanda, já dispensa qualquer tipo de doutrina que possa ser ministrada por qualquer integrante do Terreiro. Nenhum Guia se faz presente no Terreiro se não for para ensinar por meio de sua sabedoria. Jamais um espírito que não sabe se portar em um ambiente sagrado incorporará em um médium para atender consulentes nos trabalhos de Umbanda. Ou seja, quem sempre precisa de doutrina são os espíritos encarnados, no caso, os médiuns do Terreiro.

Certa vez, convidado para conhecer uma Gira de Erês, tive a oportunidade de perceber qual era a fonte de frases como estas citadas no início deste capítulo. Quando da chegada dos Erês, por meio dos tradicionais pontos cantados foi anunciada, a alegria se fez presente no Terreiro, mas junto dela surgiu a visível falta de doutrina e conhecimento da religião em si por parte daqueles ali reunidos. Digo isso pois, por muito pouco, não esconderam o meu tênis ou colocaram algum tipo de doce dentro dele e, por uma fração de segundos, não conseguiria ter desviado de um coco que um “Erê” arremessou.

Por mais absurdo que pareça, ainda há espaços que este tipo de manifestação e comportamento. Recentemente ainda me deparei com uma dúvida sincera de uma médium que gostaria de saber se era comum o “Exu” pressionar o cigarro aceso contra a consulente ou ainda o “Caboclo” que estava brigado com uma cambone e não queria conversar nem ser

cambonado por ela. Pois bem, o bom senso tem limites, mas a ignorância é ilimitada.

A mente do médium sem conhecimento é terreno fértil para este tipo de manifestação ilusória e descabida aos sagrados Templos de Umbanda. Muitos ainda corroboram para que estas atrocidades se tornem frequentes.

Portanto, doutrina e ensinamentos são extremamente imprescindíveis aos médiuns e não aos Guias. São os médiuns que precisam aprender a bater palmas, aprender sobre disciplina e organização, postura e discernimento para então tornarem-se passíveis de receber e transmitir os ensinamentos por meio de vossos Guias.

A MENSAGEM
É DO GUIA, A

RES
PON
SA
BILI
DADE

É SUA

A MENSAGEM É DO GUIA, A RESPONSABILIDADE É SUA

Na Umbanda, durante as Giras de atendimento, ainda é comum que os consulentes não saibam se relacionar com os Guias. O fato de estarem à frente de seres os quais julgam “mais perto de Deus”, faz acreditarem que estes têm o poder de realizar tudo o que está distante de suas próprias mãos.

Projetam nos Guias a ideia de que estes estarão ali para intervir diretamente nos problemas de suas vidas, fornecendo as diretrizes, os próximos passos sobre o que há por acontecer. Quase que uma previsão do futuro, entendem o termo consulta, como um oráculo de revelações que trará informações sobre o seu passado, detalhes de sua vida e o futuro que o espera.

Torna-se então indispensável que o dirigente, em todos os trabalhos de atendimento ao público, torne claro como funcionam os atendimentos, qual a forma ideal de se relacionar com aquele Guia que está ali disposto a um breve diálogo.

Contudo, o ponto nevrálgico não é este. O controverso é quando o próprio médium incorporado também acredita que o Guia é capaz e obrigado a reproduzir este tipo de comportamento. Que o Guia não só pode como deve falar do passado, presente e futuro da vida daquele que está a sua frente, tornando o atendimento um espetáculo de previsões sem sentido à vida dos envolvidos e abstando-se da oportunidade do aconselhamento.

Com isso, um jogo de previsões que extrapola completamente os princípios da Umbanda, começa a fazer parte do imaginário e ceifa diretamente o direito do livre-arbítrio e da vivência da verdade individual.

Não há dúvidas que os Guias têm a sapiência de discorrer os fatos de nossas vidas. Aliás, não precisa muito para perceber que somos altamente

previsíveis. Entretanto, qual o propósito do atendimento se não permitir que, por meio de nossa própria verdade, possamos adaptar o conselho dos Guias e trilhar os rumos que nós mesmos desejamos? Se fosse ao contrário, não seríamos donos de nossa própria vida e perderíamos a autonomia de nossas atitudes.

Frequentemente ouvimos dos médiuns que já estão começando a incorporar: **“Já incorporo, mas ainda não tenho segurança de atender incorporado”**; **“Já recebo os meus Guias, mas tenho medo de começar a atender...”**; ou ainda: **“Uma consulta pode levantar uma vida ou derrubá-la de vez”**. Todas estas afirmações estão no campo da revelação. Sem dúvidas, o preparo do médium para o atendimento é extremamente necessário e deve ser acompanhado com a máxima cautela até porque não envolve somente preparo mediúnico como também, ética. As frases anteriores são oriundas daqueles que enxergam os atendimentos como um conjunto de revelações e, na verdade, não ocorrem desta forma.

Quem fala durante os atendimentos são os consulentes, aqueles que buscam a ajuda do Guia. Se não há o que dizer, é dada uma bênção por meio de um passe ou alguma outra técnica de descarrego e pronto! É a vez do próximo.

Não espere que ele conte tudo sobre sua vida ou diga coisas que só você sabe. Giras de Umbanda são sempre lotadas e não há tempo para longas conversas ou futilidades.

Uma coisa é fato e merece destaque: a mensagem parte do Guia, mas a responsabilidade é sempre do médium incorporado. Assim, durante os atendimentos, este não assume a autoria do discurso, mas arca integralmente com a responsabilidade religiosa e civil sobre ele.

Assim, que fique claro:

O Guia não tem obrigação de dizer sobre o seu passado: este você já viveu, não volta atrás, não dá para ser alterado. O Guia não tem motivo para

dizer sobre suas vidas passadas, águas passadas não movem moinhos e o próprio nome já confirma: passou! E, como encarnado, já se nota que se está vivendo uma nova oportunidade. O Guia não tem motivo para prever o seu futuro, até porque, isso é você quem faz por meio de suas decisões. Caso contrário, estaria interferindo na autonomia de sua vida.

Não é obrigação do Guia dizer se o seu ente querido que se encontra internado em um hospital, por exemplo, irá sobreviver ou está vivendo seus últimos suspiros. Não é este o motivo de sua presença. Mais importante do que isso é fazer com que você desperte para os valores da vida.

Se você é ou foi alvo de uma demanda, magia invertida, negativa ou algum tipo de trabalho com o intento de lhe causar algum mal, o Guia está ali exatamente para retirar isto e assim fará com maestria. Feito isto, deve dizer de onde ou de quem partiu esta ação. Não faz sentido algum realimentar um sentimento de raiva, mágoa ou desilusão.

Enfim, o Guia jamais escolherá o emprego por você. Jamais confirmará se a entrevista do dia seguinte vai dar certo, se mudar de país é a saída, se você deve se preparar para o casamento ou aguardar a notícia de traição. Jamais irá substituir o remédio que o médico lhe indicou por um passe ou um chá caseiro. Não revelará a data da sua morte, o número da loteria, o nome do próximo relacionamento... não há contos de fadas nos Terreiros de Umbanda. O que há são milagres e estes, de fato ocorrem, contudo, a partir dos próprios consulentes por meio da ajuda dos Guias.

Umbanda é religião de gente grande!³¹

31 Alexandre Cumino

MEDIUNIDADE
NA

IN
FÂNCIA

MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA

**“Feliz, a criança vive entre os deuses
Abraça deusas
E se torna príncipe e princesa”
Roger Cipó³²**

É sabido que este capítulo é somente uma introdução ao que se refere à mediunidade infantil. Ainda assim, trata-se de uma abordagem de extrema importância e abrange uma série de fatores que poderiam se desdobrar em um novo livro pautado nesta temática de modo específico.

A mediunidade infantil recebe toda uma carga fictícia oriunda dos mais diversos filmes que ilustram, de forma exacerbada, o que se entende por manifestações mediúnicas e suas consequências.

Na maioria das vezes, o cinema relaciona o universo da mediunidade aos gêneros de suspense e terror psicológico atribuindo ao inconsciente coletivodistúrbios, dores, medose traumas em virtude destas manifestações.

Como exemplo, o filme “Caso 39” (2009), dirigido por Christian Alvart, que retrata a história da assistente social Emily Jerkins que recorre à adoção da garotinha Lilith Sullivan na busca de salvá-la de seus pais abusivos. No entanto, mais tarde descobre que a menina é portadora de distúrbios confundidos por vezes a alguns tipos de manifestações mediúnicas.

Há também o longa metragem “Sobrenatural” (2011). Dirigido por James Wan, o filme aborda o caso da família Lambert, que se muda de residência e, após um coma de forma inexplicável, seu filho começa a manifestar um suposto caso de mediunidade. No início, os pais pensam que a nova casa abriga algum tipo de espírito do mal. Contudo, após uma nova

32 Fotógrafo-pesquisador, educador social, candomblecista e militante contra os crimes de intolerância religiosa e racismo.

mudança, notam que o problema não estava na casa e sim no próprio filho.

Dentre tantos exemplos existentes, há também o clássico “Sexto Sentido” (1999), dirigido e escrito por Manoj Nelliattu Shyamalan e o épico “O Exorcista” (1974), dirigido por William Friedkin escrito por William Peter Blatty, ambos apresentando as mesmas características anteriormente citadas.

Retomando o tema, entendamos: mediunidade não distingue pessoa, cor, raça, credo, ideologia, gênero, muito menos idade para se manifestar.

Zélio Fernandino de Moraes, como já citado anteriormente, tinha 17 anos quando se deparou com os primeiros sinais de sua mediunidade. Chico Xavier, o maior nome do Espiritismo, doutrina codificada por Alan Kardec, teve suas primeiras manifestações mediúnicas ainda criança. Neste caso, muitos intitulam de “médium de berço”, sendo aquele que não precisa ter a mediunidade desenvolvida, somente orientada.

São inúmeros os casos em que a mediunidade começa a dar sinais em tenra idade e todas as religiões, ditas mediúnicas, devem estar preparadas para lidar com isso.

Lugar de criança é onde seus pais determinam, devendo seguir os conceitos e possibilidades por eles ofertados. Parte desta compreensão é o fato de que as crianças sempre são direcionadas à religião a qual a família faz parte e, quando intelectualmente independente, é dado a autonomia para esta siga o caminho religioso que assim decidir. Na Legislação Brasileira, inclusive o Estatuto da Criança e do Adolescente, assegura aos pais o direito de transmissão familiar de crença e escolherem livremente a educação religião de vossos filhos.

É importante validar que, por mais que haja opiniões divergentes quanto à presença de crianças durante os rituais umbandistas, deixo explícito que Umbanda é religião que permite a entrada e permanência

destes no Terreiro, independente de qual seja o ritual.

A exemplo do Espiritismo, embora não haja um padrão para receber aqueles que começam cedo no caminho da mediunidade, os casos são tratados de modo individual e utiliza-se do olhar infantil para explicar as possíveis manifestações e os conceitos espíritas. A Federação Espírita Brasileira, por exemplo, possui o Departamento de Infância e Juventude que aborda o assunto por meio de contos e parábolas ilustradas.

No Candomblé, não há idade específica para as crianças serem iniciadas, pelo contrário: conforme citação no início deste capítulo, trata-se uma prática comum não só ao terreiro Ilê Omiojuarô, fundado por mãe Beata de Iemanjá e tombado como Patrimônio do Estado do Rio de Janeiro (IPHAN), como também a todos os outros.

*“Quando soube que no terreiro de Mãe Beata, em Miguel Couto, também na Baixada Fluminense, se iniciavam crianças com um mês de idade, fui até lá e encontrei Laremi Emiliano de Oliveira, a menina de Obalúwáiyé, e Noam Moreira, bem como algumas outras crianças dessa casa”.*³³

*“...no terreiro as crianças crescem partilhando o amor, as coisas de seu Egbé. Aprendem fundamentalmente a respeitar a ancestralidade. Essa é a formação de um Omo dè, de uma criança. Além disso, aqui respeitamos todas as diferenças, e isso é partilhado desde sempre com as crianças de nosso terreiro. Aqui ninguém discrimina a opção sexual de ninguém, ninguém discrimina negro ou branco, ninguém discrimina a mulher (Caputo, 2012, p. 133-134)”*³⁴.

33 CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos Terreiros e como a escolar se relaciona com as crianças de Candomblé. (1.ª ed., p. 66) Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

34 CAPUTO.

O professor e Babalorixá, Dr. Sidnei Barreto Nogueira³⁵, contribui:

“...em uma sociedade, onde a criança é cotidianamente esquecida, violentada, deixada à mercê apenas de equipamentos eletrônicos e tendo a televisão como Babá, ser filha de um corpo, de uma comunidade, de toda uma família e ser cuidada por esta família, proporcionar-lhe-á momentos não mais comuns na vida moderna. Vale destacar que o Candomblé empodera esta criança desde cedo....

...As crianças podem aprender e ensinar, sempre!”.

A Umbanda também não vira as costas a este tipo de manifestação. Crianças são recebidas de portas abertas e, embora ainda haja muito o que se desenvolver neste campo, diversas são as possibilidades de ensinamentos que podem ser ministrados a eles.

Acolher as crianças durante as Giras por meio de atividades e entretenimentos em lugares específicos é um ponto. Contudo, a questão mais delicada e tema deste capítulo é o ato de receber e instruir a criança que se depara com suas primeiras manifestações espirituais e nem seus pais sabem como agir.

É de se lembrar que Umbanda não se resume em atendimentos e incorporações. Como já dizia o Caboclo Mirim, incorporado em seu médium Benjamim Figueiredo, na recém fundada Tenda Espírita Mirim (1924): “Umbanda é a escola da Vida”. Ou seja, na Umbanda o aprendizado é ministrado a todo momento, de modo consciente ou inconsciente. A coragem, por exemplo, não é somente ensinada pelas palavras do sacerdote, mas também vivida na presença dos Caboclos. E para absorvê-las não é preciso idade. O respeito e, principalmente, a identidade, são absorvidos pelas crianças de modo natural, na presença dos Pretos Velhos e Baianos e tantas outras figuras que remetem aos grupos sociais excluídos.

35 NOGUEIRA, Sidnei Barreto. Crianças no Candomblé - 21 Imagens e 21 Motivos. Olhar de um cipó, 2018. Disponível em: <https://olhardeumcipó.blogspot.com/2016/02/criancas-no-candomble-21-imagens-e-21.html>. Acesso: 07 de março de 2019.

O primeiro passo é retomar junto à criança o olhar para a mediunidade como parte natural do ser humano, e não como uma doença ou “contrato com o além” que cerceará toda a infância em detrimento da “missão” assumida antes mesmo da reencarnação. Ainda assim, é comum que os pais tenham como primeiras intenções, acabar com tudo isso ou ainda “fechar o ori”³⁶ da criança sem mesmo questionarem sobre os possíveis motivos destas manifestações as quais podem estar ligadas a diferentes situações, incluindo problemas dentro de seu próprio lar.

Colocado este fenômeno como natural, em nenhum momento a criança se considerará especial e não utilizará disso como ferramenta de manipulação dos pais e de todos aqueles à sua volta, atitude comum àqueles que “endeusam” a mediunidade. Então, eliminam-se todos os gatilhos possíveis de tornar a mediunidade uma moeda de troca ou ainda um caminho para a exaltação do ego e da vaidade.

Mesmo com tantas dicas e recomendações, não é tão simples conceber o ocorrido com naturalidade, até porque é raro encontrar um psicólogo infantil que compreenda a mediunidade. Também não é tão simples encontrar um sacerdote capacitado para fornecer um olhar clínico para este tipo de manifestação e, ao mesmo tempo, conceder instrução aos pais ou responsáveis.

Crianças não devem ser desenvolvidas para incorporarem seus Guias e atenderem durante as consultas. Até porque, não têm a mínima condição emocional, psicológica, maturidade social ou capacidade intelectual de trabalharem incorporadas. O que há, por meio da incorporação, é a possibilidade de fazer com que a criança não só se relacione com o mundo espiritual como também entenda suas manifestações como um processo natural da vida.

Se incorporação fosse somente direcionada aos adultos, não só o Caboclo das Sete Encruzilhadas como tantos outros Guias chefes de

36 Termo utilizado para a tentativa infrutífera de cessar as manifestações mediúnicas.

Terreiro haveriam de confirmar isso. O que é, de fato, destinado não aos adultos e sim aos adultos maduros é a incorporação para os atendimentos espirituais.

Conforme decidido entre os pais e o sacerdote, durante os trabalhos, a criança pode desenvolver papéis específicos como prestar assistência aos cambones ou ainda, dependendo da maturidade, desempenhar papéis como participar da curimba³⁷, dos grupo de cambones ou ainda dos grupos de crianças e gincanas em lugares específicos, quando disponíveis nos Terreiros de Umbanda.

O fato é que todos os casos devem ser cuidadosamente tratados como únicos, sem generalizar.

Atualmente, tenho a oportunidade de ter como integrante da corrente mediúnica do Templo Umbandista Pai João de Angola, a psicóloga Andréia Ap. Daniel Matos que, além da profissão, é médium e mãe do Enrico, também médium, de dez anos.

Segundo a psicóloga, a Organização Mundial da Saúde (OMS) preconiza que o ser humano é biopsicossocial e espiritual. Entendendo a vida espiritual como algo que transcende, que faz o ser humano se ligar àquilo que está além de si mesmo.

O indivíduo saudável é aquele que possui o estado físico, psicológico, social e espiritual em perfeito equilíbrio e harmonia. Com isso, o ser humano é aquele que precisa encontrar um caminho dentro de uma espiritualidade, religiosidade ou fé, um dos pilares essenciais.

A psicóloga ainda afirma:

“Nossa saúde é como uma cadeira, precisa dos quatro pés firmes para se estruturar, parar em pé. Caso o indivíduo não possua algum dos pilares muito bem estruturados, “a cadeira tomba”.

37 Curimba ou Corimba é o nome que se dá ao grupo de pessoas que se relacionam com as práticas musicais dentro dos rituais umbandistas.

Quando se constata o desequilíbrio no âmbito espiritual, percebe-se uma porta aberta para o universo da mediunidade.

Andréia relata:

“Aos oito anos, meu filho se encontrava espiritualmente doente e, por meio da análise anterior, diagnostiquei uma falha na estrutura espiritual, visto que ele apresentava medo de escuro, não conseguia dormir sozinho etc. Fui até o terreiro e, durante o seu atendimento, meu filho entrou em transe e o médium que nos atendia deu passagem a um outro guia espiritual. Este, por sua vez, se apresentou como guia de frente do meu próprio filho e explicou detalhadamente os motivos que o levaram a apresentar este quadro clínico. Dizia o guia que estava usando outro médium, pois o seu filho não tinha condições que incorporar e transmitir esta mensagem. Foi então que ele, por livre e espontânea vontade, decidiu iniciar o desenvolvimento mediúnico, com isso, percebemos uma progressão e seu medo desaparecia”

A psicóloga reitera:

“Na família, lidamos com a mediunidade sempre com uma postura natural e de muito respeito. Deixamos ele à vontade para se relacionar com a religião nos momentos que sentir adequado”. Enquanto mãe, umbandista e psicóloga, vejo no desenvolvimento mediúnico um caminho muito saudável principalmente por auxiliar o indivíduo a trilhar o seu autoconhecimento.”

Por meio deste episódio, desmonta-se a ideia de que a criança está sempre aprendendo e o adulto sempre ensinando; compreende-se a capacidade das crianças como protagonistas no processo de desenvolvimento pessoal e no compartilhamento cultural com os adultos.

Através da diversidade dos ensinamentos ministrados, principalmente de forma indireta, se desenvolve um processo de aprendizagem no qual as crianças se envolvem, absorvendo o universo da Umbanda através de uma percepção própria, sem subverter a essência do aprendizado.

Assim, torna-se comum o respeito ao ser e à natureza, a relação com as ervas e suas divindades e conceitos condizentes à concepção de vida e morte etc.

Acredito que os pais não devem forçar, nem mesmo incentivar seus filhos a fazer parte dos trabalhos do Terreiro. Contudo, isso também não deve ser um impedimento, desde que acordado com o dirigente. Liberdade também é algo que deve ser ensinado e respeitado desde a infância.

Cabe aqui o destaque para a questão legal a respeito da presença e permanência de crianças nos Terreiros. O advogado e sacerdote do Templo Fases da Lua, Alexandre Vancin Takayama, destaca a Lei N° 8.069, de 13 de Julho de 1990 e ressalta que crianças (*pessoas até 12 anos de idade incompletos*), só podem frequentar os Terreiros com a presença dos pais. Já os adolescentes (*pessoas entre 12 e 18 anos*), devem estar acompanhados por um parente próximo desde que autorizado por um dos pais.

Que as reflexões aqui trazidas possam contribuir de algum modo para a discussão sobre a relação entre identidade e pertença religiosa, mesmo na infância, e a mediunidade destes desenvolvida e praticada dentro dos Terreiros.



O GRANDE

DI
LE
MA

O GRANDE DILEMA

Após pensarmos na incorporação enquanto fenômeno pessoal, intrapessoal, religioso, social e ainda abordarmos assuntos como meditação, relações com os Guias espirituais, ética do médium e tantos outros fatores, resta abordar, de fato, o que considero o “grande dilema” da incorporação: **“Sou eu ou é o Guia?”**.

Para a grande maioria dos médiuns, é difícil entender que se está incorporado, pois notamos plenamente a nossa presença e não conseguimos, com clareza, identificar o espírito ou divindade que se manifesta. Portanto, é comum começarmos a crer que se trata de algo que é fruto da mente, “coisa da cabeça”; o que não deixa de ser, visto que a comunicação com os Guias espirituais e a ligação com o plano espiritual se estabelece por meio da mente. Ou seja, por alto, é coisa da nossa cabeça, porém a mente não está no papel da criação e sim da percepção.

A presença e percepção do médium sempre irão contribuir para a condução da incorporação. O Guia, quando incorporado, adiciona sua energia, sua consciência, sua filosofia, conhecimento e toda uma roupagem que o caracteriza. Contudo, ainda assim, o médium continua presente com todo o seu repertório cultural, porém em uma posição de espectador, observador. Eis então a fantástica oportunidade de observar como o Guia se relaciona com as situações e problemas alheios sem nenhum tipo de julgamento.

O ilustre Pai Fernando Guimarães (em memória), fundador do Terreiro do Pai Maneco, em Curitiba/PR, descreve com primazia um diálogo que traduz bem o que é essa fusão:

“ – O espírito é uma energia e o médium é outra. Cada qual com sua cultura, sensibilidade e conhecimentos. Um é um e outro é outro. Entretanto, quando a entidade toma o corpo do médium, essas energias se unem, formando uma terceira. Ambos estão ali presentes, reunidos em uma só força. É como dois em um.”³⁸

38

GUIMARÃES, Fernando M.. Grifos do Passado. Curitiba [s.n.], 2015.

Este conflito desaparece com o decorrer da prática e do desenvolvimento da incorporação. Como já evidenciado nos capítulos anteriores, a meditação é um dos recursos mais eficazes para o autoconhecimento. Com isso, contribui automaticamente para que possamos identificar a presença do “outro” no momento em que aprendemos a ficar em silêncio. Silêncio da boca, da mente, dos ouvidos e do coração.

A chave deste dilema versa sobre consciência, pois é comum encontrarmos dúvidas como: **“Se preciso estar consciente para incorporar, o que dizer dos médiuns inconscientes?”** ou **“Se a consciência é a chave para a incorporação, o que é a semiconsciência?”**

Há de se compreender que o tema “consciência” não está relacionado simplesmente aos estados de incorporação, “consciente, inconsciente ou semiconsciente”. Tomar consciência é estar pleno, inteiro, somente naquele lugar, naquele momento – isso é estar consciente e nada tem a ver com o nível ou tipo de mediunidade de incorporação.

“A incorporação não está no mundo do pensamento e sim no mundo do sentimento. Assim, estar consciente é saber o que está sentido, o que está vivendo, o que é diferente de estar com mil pensamentos na cabeça ou estar interferindo.”³⁹

Na Umbanda, muito se fala sobre os níveis de incorporação buscando entender ou ainda julgar qual o “melhor” médium ou mais propício estado de êxtase. Dessa maneira, utilizam-se do termo semiconsciente, identificando os médiuns que ora têm a percepção do que está acontecendo e sendo dito durante os atendimentos do Guia incorporado, ora não têm a mínima noção do que o Guia disse ou de quem o Guia atendeu. O termo inconsciente classifica todo aquele médium que incorpora e perde a total referência sobre a presença que ali encontra-se manifestada, todavia, vale ressaltar a máxima: “incorporação não é possessão”. Logo, mesmo que o médium

39 CUMINO, Alexandre. Médium: Incorporação não é possessão. São Paulo, Madras, 2015.

não tenha noção do que ali está acontecendo, ainda assim deve haver a consciência da incorporação e, principalmente, a compreensão de que temos o controle sobre nós mesmos.

Mediunidade é como uma porta que se abre de dentro para fora, ou seja, até mesmo nos casos de possessão espiritual, mesmo que imperceptivelmente ou ainda inconscientemente, o indivíduo permitiu com que aquela manifestação ocorresse.

A incorporação consciente é a presença plena da consciência e da noção de tempo e espaço. Neste caso, em nenhum momento o médium perde a percepção do ambiente e do que ali ocorre. Este nível de incorporação, ainda assim, não é comum nos Terreiros de Umbanda, visto que o indivíduo encontra-se em estado alterado de consciência, o que impede-o de afirmar convicta noção de tempo e espaço.

O estado alterado de consciência (EAC) pode ser definido como uma alteração provisória de pensamento, sentimento e percepção de realidade, em relação ao estado de consciência normal⁴⁰.

É esta a percepção e sentimento que toma conta do médium quando este desenvolve um relacionamento saudável com a espiritualidade. Dessa forma o Guia torna-se cada vez mais marcante, mexe com o âmago e, literalmente, faz a carne tremer.

É este o momento em que a incorporação se torna muito mais poética do que racional. Este é o ponto mais alto que faz com que o médium se perca de si e ao mesmo tempo se encontre com o Guia. É este o caminho que se abre para que o médium não se reconheça nem em seu próprio corpo e tenha dúvidas se, quem está ali, é ele mesmo.

Em resumo, a incorporação por meio da semiconsciência é o padrão

40 Metzner, R. - Therapeutic application of altered states of consciousness (ASC). In: Schiliclitiny, M.; Leunes, H. (eds.). Worlds of consciousness. Vol 5. VWB, Berlin, 1995.

de transe mais presente nos Terreiros de Umbanda, tornando perfeita a fusão entre o médium e o Guia espiritual, traduzindo a incorporação como um dos mais fantásticos fenômenos manifestados na Umbanda.





CON
CLU
SÃO

CONCLUSÃO

O assunto mediunidade na Umbanda é muito mais extenso do que imaginamos e, certamente, haverá outros capítulos para esta e tantas outras obras que surgirão. Assim, considero este livro mais um capítulo de um conjunto de ensinamentos já abordados e de muitos ainda que estão por vir.

Devemos contribuir para que a mediunidade na Umbanda continue sendo tema de discussões e estudos tanto no âmbito religioso quanto no campo acadêmico. Que esta obra seja tão somente mais uma alavanca para abordarmos este tema dentro dos diversos grupos de desenvolvimento espalhados pelo Brasil afora, como também nos cursos e preleções durante os atendimentos nos Terreiros. Desta maneira, que todos reflitam não só a própria mediunidade quanto a de um coletivo: Umbanda.

Aos que chegam na Umbanda por meio desta obra, saiba que esta é mais uma ocasião favorável para conhecer a mediunidade de incorporação pelas vias do amor e não pelas vias da dor. Aos que já estão, esta pode ser a oportunidade de desvincular a relação entre incorporação e dor, carma, dívidas de vidas passadas, acordos astrais, culpa, necessidade da prática da caridade ou qualquer outra relação de medo, pecado, inferno e outros atributos inexistentes nesta religião.

Entendo que esta não é a primeira, muito menos a última obra que aborda este contexto tão mágico que encanta a alma de todos aqueles que se reconhecem como Umbanda”.

Axé!

David Dias





REFERÊNCIAS

**BI
BLIO
GRÁ
FI
CAS**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARADO, C. S. (2002). Dissociation in Britain during the late nineteenth century: The Society for Psychical Research. *Journal of Trauma and Dissociation*, v. 3, n. 2, p. 9-33, 1882-1900.

ALVARES, João Teixeira. O Espiritismo. Uberaba, 1914 (p. 122-125).

AUGRAS, M. (1986). Transe e construção de identidade no Candomblé. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.2, n. 3, pp. 191-200.

BOAVENTURA, Frei. O Livro Negro do Espiritismo. Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 1955.

Bruce Lee: The legend lives on. Direção: James Harker, Produção: Ray Santilli. Reino Unido (UK): WHE International, 2002, 1 DVD.

CAPUTO, Stela Guedes. Educação nos Terreiros e como a escolar se relaciona com as crianças de Candomblé. (1.ª ed., p. 66) Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CARDEÑA, Etzel, LYNN, Steven Jay, KRIPPNER, Stanley. Variedades da Experiência Anômala, Atheneu, 2013.

CHOPRA, Deepak; FORD, Debbie; Mariane Williamsom. O efeito sombra – Encontre o poder escondido na sua verdade. 1ª Ed., São Paulo: Lua de Papel, 2010.

CUMINO, Alexandre. Umbanda e o sentido da vida. 1ªed. São Paulo: Madras, 2015.

----- Médium: Incorporação não é possessão. São Paulo, Madras, 2015.

DIWAN, Pietra: Raça Pura. Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRAYZE-PEREIRA, João. O que é loucura. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985, p.29.

GOLEMAN, Daniel. Foco: A atenção e seu papel fundamental para o sucesso. 1ª ed, Objetiva. Rio de Janeiro, 2014.

GUIMARÃES, Fernando M.. Grifos do Passado. Curitiba [s.n.], 2015.

IOAN, Lewis M., Êxtase religioso: Um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo, São Paulo. Perspectiva, 1977.

JUNG, Carl Gustav. AION – Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LACROIX, Pascoal et. al. O Espiritismo à Luz da Razão. Ed. SCJ, Rio de Janeiro, 1941.

METZNER, R. - Therapeutic application of altered states of consciousness (ASC). In: Schiliclitiny, M.; Leunes, H. (eds.). Worlds of consciousness. Vol 5. VWB, Berlin, 1995.

NINA RODRIGUES, Raimundo. O animismo fetichista dos negros baianos. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1935.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. Crianças no Candomblé - 21 Imagens e 21 Motivos. Olhar de um cipó, 2018. Disponível em: <https://olhardeumcipo.blogspot.com/2016/02/criancas-no-candomble-21-images-e-21.html>. Acesso: 07 de março de 2019

OSHO. Mindfulness para que não tem tempo – 1.ed – São Paulo: Planeta, 2017.

RODRIGUES, Nina. O Animismo Fetichista dos Negros Baianos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Umbanda brasileira: um Século de história. São Paulo: Ícone, 2009.

VIOLLET, Marcel. Le Spiritisme dans ses Rapports avec la Folie. Librairie Bloud Et Gli. Paris, 1908.





SOBRE

O

AU

TOR

SOBRE O AUTOR

David Dias é sacerdote de Umbanda e Dirigente do Templo Umbandista Pai João de Angola, em SP. Especialista em diversos temas relacionados a Umbanda, desenvolve palestras que relacionam o ser humano e o sagrado a partir de um olhar umbandista contemporâneo.

David Dias é sacerdote de Umbanda iniciado pelos Mestres Rubens Saraceni e Alexandre Cumino.

Pai de Santo e dirigente do Templo Umbandista Pai João de Angola, é apresentador do Aruanda Podcast, pesquisador do ícone Zé Pelintra, fundador do Macaia® e tutor dos cursos: Exu - A Mão Esquerda de Deus, Benzimento, Pombagira e o Sagrado Feminino na Umbanda, Teologia de Umbanda etc.

Atualmente está à frente das turmas de Desenvolvimento Mediúnico em seu templo e no Colégio Pena Branca, ao lado de Alexandre Cumino.



**SOBRE O
UMBANDA**

**EU
CUR
TO**

SOBRE O UMBANDA EU CURTO

O **Umbanda Eu Curto** foi criado em outubro de 2011 como uma fanpage e hoje é o maior portal de informação para umbandistas na internet.

Reunimos alguns dos maiores nomes da Umbanda, além de muita notícia, interatividade e conhecimento relacionado à religião. É justamente este foco no conhecimento que nos levou a desenvolver esta nova forma de conhecer a Umbanda: os livros digitais (ou e-books).

Para isso criamos a UMBANDA EDITORA, uma iniciativa para facilitar o lançamento de novos autores que escrevem romances inéditos (mediúnicos ou não).

Leia, divulgue, comente! A Umbanda é feita por todos nós! Ajude-nos a manter vivo o trabalho de divulgação e desmistificação da Umbanda, colaborando para estas e outras ações bacanas que estamos preparando para vocês!

E se você é autor, gosta de escrever ou conhece alguém que possui este dom e/ou talento, acesse: <http://editora.umbandaecurto.com.br/>

Muita luz a todos!



Editores
Umbanda Eu Curto



FICHA

TÉC

NI

CA

FICHA TÉCNICA

AUTOR

David Dias

REVISÃO

Alexandre Negrini Turina – MTB 64.157

PROJETO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO

Natalya Osowiec

DIREÇÃO DE ARTE E RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Daniel Fernando Marques

FOTOS

Davi Nunes

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, incluso suas imagens, grafismos, tipos e textos.

www.umbandaeucurto.com

www.facebook.com/umbandaeucurto



OUTRAS

PU

BLI

CA

ÇÕES

CONHEÇA TODOS OS NOSSOS LIVROS DIGITAIS



Coletânea com os **14 Livros**
Filhos dos Orixás

SAIBA MAIS



FILHOS E FILHAS DE
EGUNITÁ

SAIBA MAIS



FILHOS E FILHAS DE
IANSÃ

SAIBA MAIS



FILHOS E FILHAS DE
IEMANJÁ

SAIBA MAIS



FILHOS E FILHAS DE
LOGUNAN

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
NANÃ

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OBÁ

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OBALUAYÊ

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OGUM

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OMULU

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OXALÁ

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OXÓSSI

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OXUM

[SAIBA MAIS](#)



FILHOS E FILHAS DE
OXUMARÉ

SAIBA MAIS



FILHOS E FILHAS DE
XANGÔ

SAIBA MAIS



ERVAS

SAIBA MAIS



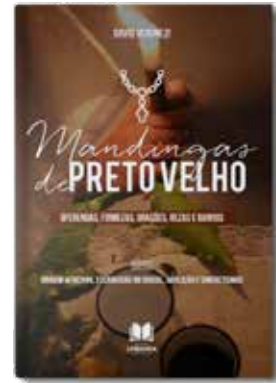
**PONTOS
DIVERSOS**

SAIBA MAIS



O GUARDIÃO DAS
SETE PEDRAS

SAIBA MAIS



MANDINGAS DE
PRETO VELHO

SAIBA MAIS



MEU ALTAR
SAGRADO

SAIBA MAIS



FILHOS DO
VENTO

SAIBA MAIS







EDITORA
UMBANDA
LIVROS VIRTUAIS

<http://editora.umbandaeucurto.com.br>

